

ELOAH MONTEIRO ANDRADE BARRETO

POVO DE SANTO

Umbandistas de Viçosa

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2010

ELOAH MONTEIRO ANDRADE BARRETO

POVO DE SANTO

Umbandistas de Viçosa

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como um requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ernane Corrêa Rabelo

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2010

RESUMO

O livro-reportagem “Povo de Santo: umbandistas de Viçosa” consiste na produção de um relato sobre a prática da Umbanda em Viçosa (MG). Para isto, foram entrevistados e perfilados umbandistas dos terreiros: Casa Ilê Aiyê de Oxossi, no Campus da UFV; Terreiro de Umbanda João Boiadeiro, na Rua da Conceição; Centro Espírita João Boiadeiro da Bahia, no Morro da Coruja; e a Tenda Oju Ylê, em Nova Viçosa. O objetivo central do trabalho é traçar um panorama da religião umbandista na cidade de Viçosa – MG através de um livro-reportagem-perfil, que humaniza e dá vida às narrativas, desmistificando e divulgando a religião, além de tentar romper com os antigos estigmas que caem sobre seus adeptos. Sem abandonar o compromisso com a verdade, este trabalho também dá vazão à criação artística e ao posicionamento político-social inerente ao tema abordado. Para isso, foram utilizados recursos provenientes do Jornalismo Literário.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Literário, livro-reportagem, Umbanda

ABSTRACT

The book-report "Povo de Santo: umbandistas de Viçosa" is a production of a report on the practice of Umbanda in Viçosa (MG). To this end, was interviewed and profiled umbandistas of the: Casa Ilê Aiyê de Oxossi, on UFV's Campus; Terreiro of Umbanda João Boiadeiro, on Conceição's Street, Centro Espírita João Boiadeiro da Bahia, on Morro da Coruja, and the Tenda Oju Ylê, on New Viçosa. The central objective of the work provides an overview of Umbanda in Viçosa - MG through a book-report-profile, which humanizes and enlivens the narrative, demystifying and promoting the religion, trying to break old stigmas that fall on its adherents. Without abandoning the commitment to truth, this work also gives rise to artistic creation and social-political stance inherent at the subject. For this, we used funds from the Literary Journalism.

KEYWORDS

Literary Journalism, book-report, Umbanda.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 – Mídia e Religião.....	12
1.2 – Sobre Umbanda.....	14
1.3 – Umbanda em Viçosa.....	15
1.4 – O Jornalismo	16
1.5 – O Jornalismo Literário	18
1.6 – O livro-reportagem	21
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	25
2.1 – Planejamento e Pauta	25
2.2 – Entrevistas.....	26
2.3 – Redação.....	28
2.4 – Etapa Final	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

Em um país tão diverso culturalmente como o Brasil, não faltaram motivos nem incentivos para que eu produzisse o livro-reportagem “Povo de Santo: umbandistas de Viçosa”. Embora nunca tivesse imaginado pôr os pés em um terreiro de Umbanda antes, sempre senti interesse em demorado, curiosidade e forte atração pelo fragmento originalmente africano da cultura brasileira.

Natural de Ilhéus – BA, fui batizada, catequizada e crismada na Igreja Católica Apostólica Romana. Porém, a contribuição da religião católica para a construção da minha identidade não foi o suficiente. Percebendo as semelhanças entre os gestos, cores e ritmos afro-brasileiros e o meu seio familiar, decidi me utilizar dos conhecimentos jornalísticos adquiridos nesses anos de graduação para investigar tais experiências religiosas e, talvez, me conhecer melhor enquanto afro-brasileira.

Muitos eram os meus receios a respeito da prática da religião estudada, porém, muito maior era a minha sede pelo autoconhecimento. Há um abismo entre as peculiaridades de ambas as crenças, católica e umbandista, tornando-se improvável a inexistência de um processo de estranhamento da minha parte num primeiro momento. Foi extremamente novo e, confesso, estranho vivenciar as incorporações dos médiuns que há poucos instantes conversavam comigo tranquilamente. Mudaram de identidade diante dos meus olhos: passaram de mulher jovem a homem idoso bruscamente, num estalar de dedos. Mas, com tempo e aprendizado, tudo se naturalizou.

Somente este ponto, pessoal, poderia servir de justificativa para a realização deste livro-reportagem. Entretanto, ao iniciar a pesquisa sobre a Umbanda no Brasil, grandes descobertas vieram à tona, atribuindo maior relevância acadêmica ao trabalho e me permitindo acreditar na necessidade do desenvolvimento de trabalhos semelhantes a este. Além da escassez de notícias que abordem com qualidade temas ligados à religião nos jornais diários, não localizei facilmente produções acadêmicas sobre o tema. Em Viçosa, a situação não é diferente.

Devemos lembrar também que, na própria origem, as religiões afro-brasileiras sofreram pela ausência de tradição escrita. A tradição oral era o único recurso existente entre os povos tradicionais da África e se enfraqueceu com o tempo, as guerras, a fome e o colonialismo que atingiram e ainda atingem o continente. Hoje, segundo a *World Book*

Encyclopedia (2003, p.306), o islamismo é a religião mais popular na África, com 47% da população a seu favor, além do alcorão¹. Sendo assim, a escolha do formato livro-reportagem-perfil, contendo perfis de umbandistas, adéqua-se perfeitamente à proposta do trabalho. Pois, com a escassez de informações escritas, os entrevistados tornaram-se fontes únicas e cruciais para o desenvolvimento da obra.

É relevante também lembrarmos que a produção de um livro-reportagem é de extrema utilidade para o amadurecimento de qualquer jornalista, pois há um refinamento, segundo Lima (2004), de técnicas de jornalismo de imersão, entrevista em profundidade, apuração e hierarquização que o curso de jornalismo talvez não consiga proporcionar. Portanto, fazendo minhas as palavras de Pena (2007), acredito que o jornalista possui técnicas de produção de texto adequadas para sintetizar determinado intervalo de tempo de existência social.

Da mesma forma, a intolerância religiosa ainda existente no Brasil configura-se como outra forte justificativa para ampla divulgação da religião e de trabalhos que a discutam. Sem acesso às informações necessárias ao entendimento da crença, os brasileiros são levados a discriminar os umbandistas e seus lugares sagrados. Exemplos disto são situações constrangedoras às quais os seguidores de religiões afro-brasileiras são submetidos e, volta e meia, são noticiadas pela própria mídia. Agressões de inúmeras naturezas são corriqueiras na vida dessas pessoas, as personagens deste trabalho.

O livro-reportagem “Povo de Santo: umbandistas de Viçosa” foi assim chamado com a intenção de fazer referência à comunidade afro-religiosa do Brasil, que assim autodenomina-se. Representa um conjunto de perfis de lideranças do movimento negro de Viçosa, significa contar-lhes que podem e devem dizer ao mundo o que pensam. Esperamos contribuir para a difusão do espiritismo umbandista através do registro jornalístico do cenário atual da religião na cidade de Viçosa – MG.

Tal obra procura colocar os próprios umbandistas como protagonistas e, deste modo, humanizar-se, propondo ao leitor que se coloque diante da perspectiva de quem conta a história. Esta estratégia pretende atuar na desmistificação da prática desta religião e sugerir o rompimento dos antigos estigmas e invisibilidade que caem sobre os seus adeptos, principalmente em Viçosa (MG).

“Tudo deve ser apresentado da maneira mais simples possível, porém não mais simples que isso”
(Albert Einstein)

¹ Livro sagrado do islamismo.

CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção deste livro-reportagem, houve a busca por estudos que envolvem mídia e religião e sua situação no Brasil, por conhecimento técnico e teórico a respeito da produção deste tipo de *media*, um livro-reportagem, e a investigação sobre a trajetória da Umbanda no Brasil e em Viçosa-MG. As informações necessárias à construção deste histórico são escassas em Viçosa. Na Biblioteca Central da UFV, por exemplo, a única informação encontrada sobre espiritismo umbandista foi uma tabela que contava os centros espíritas existentes em algumas cidades do Brasil. Viçosa não estava na lista.

O livro-reportagem “Povo de Santo: umbandistas de Viçosa” utilizou como referencial teórico Edvaldo Pereira Lima, que sugere uma classificação para os livros-reportagem além de conceituar este gênero textual. Estudando sobre Jornalismo Literário, foi possível conhecer sua prática e depois retornar à teoria, como sugere Freire. Foi através deste estudo sobre Jornalismo Literário que descobri o trajeto que o texto jornalístico percorreu ao se aproximar da literatura.

A seguir, uma tentativa de expor o caminho teórico percorrido para o desenvolvimento do livro-reportagem “Povo de Santo: umbandistas de Viçosa”.

1.1 – Mídia e Religião

A conjunção atual acerca das relações entre mídia e religião sugere que os processos simbólicos enraizados pela televisão representam uma atividade social específica a partir de construções de outras sociabilidades. A televisão assume um “modo de expressar identidades, uma resposta privilegiada à busca de sentido, uma força macro-social proporcionadora de um sistema de crença” (BORELLI; SANCHOTENE, 2009, p.3)

No Brasil, a cobertura sobre religião na grande imprensa divulga o imaginário em torno de uma verdadeira religião, neste caso, “o Catolicismo Romano como a verdadeira tradição do Cristianismo e a expressão mais coerente (correta) deste ramo religioso” (CUNHA, 2010, p.1). Ainda para Cunha (2010), esta situação causa uma negação da

pluralidade religiosa brasileira e do próprio Cristianismo e o silenciamento, somado a um descrédito, das demais expressões cristãs.

Quando o assunto é religião afro-brasileira, o espaço fornecido pelas empresas de comunicação é ainda menor. No meio acadêmico o cenário não é diferente, “faltam estudos sobre a relação entre media e religião” (MARUJO, 2008, p.18). Ele completa afirmando que a Universidade separou em gavetas diferentes a cultura e a religião, dificultando a integração científica entre as áreas.

Estamos perante um debate cultural: a reflexão teológica foi evacuada da universidade – por isso o fenômeno desapareceu como problema discutido pela intelectualidade; retirar a questão religiosa também da agenda jornalística é prestar um mau serviço aos consumidores dos media; daí que seja necessário agendar a questão religiosa no jornalismo e tratá-la de forma jornalisticamente independente [...] (MARUJO, 2008, p.18)

Embora haja uma veiculação intensa de programação religiosa na TV e no rádio e grande número de impressos religiosos em forma de jornais, livros e revistas, além dos *websites* direcionados ao público religioso, os estudos sobre mídia e religião são ainda uma área em construção, percebidos como um campo restrito e pouco estudado. Porém, as perspectivas de futuro parecem otimistas.

Um considerável número de estudos têm se dedicado a compreender o processo de produção da programação religiosa, isto é, a presença de grupos religiosos, principalmente de igrejas cristãs, na mídia, como proprietários de veículos ou detentores de espaços nas grades de programação de canais de TV e emissoras de rádio. (CUNHA, 2010, p.2)

Análises relevantes em forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado relacionadas a diferentes áreas do saber contribuem cada vez mais para a consolidação deste campo de estudos e rompimento da “perspectiva positivista predominante na formação do sistema educacional brasileiro” (CUNHA, 2010, p.2), que localiza os estudos sobre religião isolados dos demais. Na academia, geralmente estes estudos, relacionados à religião, são vistos como originalmente pertencentes principalmente aos estudos nas áreas da Antropologia e da Sociologia.

1.2 – Sobre Umbanda

A religião espírita umbandista é, sobretudo, uma religião popular e, assim, construída ao longo da história por seus praticantes. Para explicá-la, nos baseamos em informações da equipe da Tenda Espírita Cabocla Jurema, da Yalorixá (sacerdotisa umbandista) Mercina de Iemanjá, do Rio de Janeiro (RJ), o que não significa que os costumes de cada terreiro deva estar de acordo com estas definições.

A Umbanda é uma religião nascida em território brasileiro. Acredita-se que tenha surgido no início do século XX, representando a junção das religiões africanas, trazidas pelos escravos, e das crenças indígenas com o catolicismo. Sinal evidente desta junção são as imagens de santos católicos encontradas na maioria dos terreiros, representando os orixás. “Suas origens estão contidas nas filosofias orientais, fonte inicial de todos os cultos do mundo civilizado, que implantada em nossa terra, reuniu-se às práticas dos conceitos e crenças do índio, branco e negro” (IEMANJÁ, 2010, p.1)

Rio de Janeiro, meados dos 1920. Funda-se o primeiro centro de umbanda, que teria nascido como dissidência de um kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerado pelos kardecistas mais ortodoxos como espíritos inferiores. De Niterói, este centro vai se instalar numa área central do Rio em 1938. Logo segue-se a formação de muitos outros centros desse espiritismo de umbanda, os quais, em 1941, com o patrocínio da União Espírita Brasileira, promovem no Rio o Primeiro Congresso de Umbanda, congresso ao qual comparecem umbandistas de São Paulo [...]. (PRANDI, 1989, p.4)

A influência africana assumiu papel importante na formação da Umbanda, cedendo-lhe, como contribuição principal, os orixás. Na prática, a Umbanda se aproxima mais dos rituais indígenas. Em relação aos nomes, rituais e costumes, prevaleceu a influência africana.

A Umbanda tem seus sacerdotes em diferentes níveis de hierarquia. Esses líderes, chamados de mãe ou pai-de-santo, podem realizar batizados, casamentos e outras cerimônias dentro de seus cultos, assumindo uma estrutura hierárquica que colabora com o enquadramento da Umbanda no campo das religiões. É considerada religião por conter cortejo de Divindades, neste caso, os orixás; fórmulas consagradas de orações ou liturgia; e sua classificação hierárquica. Pode ser entendida também como “Crença Mista”, por admitir a mistura de várias religiões, tendo princípio básico na Crença dos Espíritos. (IEMANJÁ, 2010, p.2)

Com o tempo, a religião foi se fragmentando com base na nação africana que a originara. Quando se diz, por exemplo, que a linha umbandista é “Nação de Angola”, significa que a maior parte das regras utilizadas por este grupo se assemelha ao candomblé praticado por africanos angolanos e assim por diante.

Na Umbanda, os espíritos são chamados de entidades e, geralmente, são espíritos ancestrais que, incorporados pelos médiuns, transmitem as mensagens dos orixás aos homens. Da mesma forma que a Igreja Católica tem os seus Santos, os terreiros de Umbanda têm os seus orixás, que representam ancestrais divinizados carentes de entidades que estabeleçam a comunicação com os humanos.

O orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabeleceria vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. O poder [...] do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada. (VERGER, 1981, p.18)

Para o etnólogo Pierre Verger (1981), “o orixá é uma força pura”, um poder imaterial que precisa incorporar-se aos seres humanos para ser notada por eles. Segundo ele, o homem (ou mulher) escolhido(a) pelo orixá para incorporar uma entidade, torna-se o veículo que permite a comunicação entre estes ancestrais e seus descendentes, que proporciona ao orixá a chance de “voltar à Terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram” (VERGER, 1981, p.19)

Para melhor esclarecer as nomenclaturas utilizadas no decorrer do livro-reportagem, elaboramos um glossário (em anexo), com definições baseadas nas próprias entrevistas e na obra *Orixás: deuses iorubás e na África do Novo Mundo*, de Pierre Verger.

1.3 – Umbanda em Viçosa

Viçosa é uma cidade mineira localizada na região da Zona da Mata entre as Serras da Mantiqueira, do Caparaó e da Piedade. Limita-se ao Norte com os municípios de Teixeira e

Guaraciaba, ao Sul com Paula Cândido e Coimbra, a Leste com Cajuri e São Miguel do Anta e a Oeste com Porto Firme. Tem como referência nacional a Universidade Federal de Viçosa que, com aproximadamente 10 mil estudantes matriculados, movimentava a economia e a estrutura física da cidade.

Em Viçosa, os registros a respeito da religião umbandista são praticamente inexistentes. Porém, com base nas informações cedidas durante as entrevistas, pode-se dizer que o terreiro mais antigo que há, em funcionamento, seja o Centro Espírita João Boiadeiro da Bahia, no Morro da Coruja, Cantinho do Céu. Este terreiro existe há trinta anos no mesmo local e conta com terreiros parceiros em cidades próximas como Araponga e Ponte Nova.

1.4 – O Jornalismo

Não há consenso a respeito do início do jornalismo no mundo. Alguns pesquisadores acreditam que esta história começou a partir do momento em que a comunicação humana passou a existir, na pré-história, juntamente ao surgimento da tradição oral, em conjunto também com o início dos processos comunicativos entre humanos. Outros, segundo Pena (2006), defendem a idéia de que o jornalismo tenha surgido mais tarde, entre os séculos XIII e XIX, quando as suas qualidades já podiam ser identificadas. Quando os jornais assumiram a periodicidade, universalidade, publicidade e atualidade.

Ainda segundo este autor, a real natureza do jornalismo se encontra no medo do desconhecido e não na objetividade, na neutralidade jornalística. Ele acredita que este medo é que direciona o homem à busca do contrário, que seria conhecer, conhecer o que lhe é negado pelos meios de comunicação atuais, que ferozmente disputam a audiência sem muito se preocupar com o tipo informação que os trará esta vitória.

O que deveria ser uma profissão ligada às causas da coletividade vem se transformando, salvo raras e boas exceções, em um palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização. Revistas de fofocas, tablóides e até a chamada grande mídia estão entorpecidas pela busca da audiência e dos patrocinadores. Um puxa o outro, em um ciclo vicioso, inesgotável. (PENA, 2010, p.13)

Entretanto, a tentativa de trabalhar sob um jornalismo engajado, não exclui o aprendizado e as descobertas anteriores, elaboradas antes mesmo do surgimento do termo “Jornalismo Literário”, um recurso para a construção de um livro-reportagem.

A missão do jornalista tradicional permanece inalterada em grande parte, mesmo se tratando de uma produção de Jornalismo Literário. Kramer (2007) fala um pouco da missão do jornalista literário em tempos recentes:

É fácil manter os leitores esclarecidos. Basta explicar-lhes o que você está fazendo. Enquanto narra uma cena, o jornalista literário pode desejar inserir uma citação feita em outro contexto, ou encaixar cenas secundárias, ou memórias pessoais; e é possível fazer isso tudo muito honestamente, sem borrar ou distorcer o que ocorreu em um dado lugar e num dado tempo; isso pode ser atingido simplesmente explicando tudo ao longo do texto. No Jornalismo Literário, o narrador não é um expositor impessoal e obediente à escrita acadêmica, que apresenta materiais de pesquisa cuidadosamente mas sem pensar no leitor; tampouco o jornalista literário é um escritor objetivo e factual, ou um imparcial informante ortodoxo de um noticiário. O narrador em Jornalismo Literário tem uma personalidade, é uma pessoa complexa, profunda, franca, irônica, oblíqua, confusa, judicativa e até auto-irônica – qualidades que os acadêmicos e repórteres do dia-a-dia evitam com veemência como se tais posturas fossem antiprofissionais e não-objetivas. Os repórteres do dia-a-dia são treinados para não revelar suas reações e não expor nenhuma visão pessoal. (KRAMER, 2007, p.6)

A diferença entre jornalismo e literatura sempre foi muito sutil. O ser humano, por sua natureza, sempre quis classificar o que via em categorias por ele determinadas. Para Pena (2006), foi a maneira que o homem encontrou de dominar racionalmente o mundo.

Da mesma forma ocorreu com a literatura e o jornalismo. Ainda segundo este autor, o objetivo central da divisão em gêneros é oferecer uma representação para o exame de estratégias “do discurso, tipologias, funções, utilidades e outras categorias” (PENA, 2006, p. 18). Ou seja, sugerir uma qualificação posterior, baseando-se anteriormente em critérios bem estabelecidos.

A classificação da literatura foi, primeiramente, composta por Platão que, há aproximadamente três mil anos, baseando-se na sua relação com a realidade, conceituou o discurso como mimético, misto ou expositivo.

Pena (2006) afirma que há grande dificuldade em analisar a união de dois discursos diferentes, no caso, o jornalístico e o literário. Ao longo da história, muitos estudiosos

tentaram definir essa união como um gênero em particular. “Entretanto se o princípio básico é o da transformação e transitoriedade, a missão torna-se impossível” (PENA, 2006, p.20)

A literatura permitia o ficcional, oferecendo mais liberdade sintática, semântica e verbal ao autor, o jornalismo, separando o objetivo do subjetivo, seguia um padrão imposto pelas organizações jornalísticas, voltadas para o jornalismo diário. Separavam-se simultânea e mutuamente.

Com o tempo, o jornalismo diário tornou-se insuficiente. Havia muitas amarras que o envolviam. O tempo de redação e apuração era curto demais, o espaço disponível para o texto era pequeno e a prioridade cedida à objetividade, ao lead e à pirâmide invertida vedava qualquer manifestação criativa. Então, a literatura configurou-se numa alternativa a essas limitações, motivando a criação de uma nova forma de escrita, um novo gênero: o Jornalismo Literário. Ele se opõe aos antigos paradigmas que engessavam a prática jornalística, resultando numa nova analogia. Para Santana (2008), esta é a definição deste novo gênero:

O Jornalismo Literário é um estilo que une o texto jornalístico à literatura, com o objetivo de produzir reportagens mais profundas, amplas e detalhistas, com uma postura ética e humanizada. Este ramo do jornalismo foge do noticiário superficial, revela um universo que geralmente fica oculto nas entrelinhas das matérias cotidianas e apresenta um ponto de vista pessoal, autoral, sobre a realidade. Assim, pode-se afirmar que o Jornalismo Literário é uma mescla de Jornalismo, Literatura e História, praticado com responsabilidade e princípios morais. Ele pode ser expresso através de livros, filmes, programas de TV, artigos de jornais e revistas, meios virtuais, entre outros. (SANTANA, 2010, p. 1) (grifo do autor)

1.5 – O Jornalismo Literário

A redação jornalística tem características únicas, como a busca pela imparcialidade e pela objetividade que, atreladas a uma apuração minuciosa dos fatos e à linguagem adequada, constituem ingredientes básicos para a redação de um texto jornalístico padrão. O profissional de jornalismo traz consigo o dever de narrar os fatos de modo que estes não sofram deturpações quando transformados em versões de determinada história. Para isso, é necessário que este profissional ouça os “dois lados” de cada acontecimento que deseje informar. Para

Boas (1996), o texto jornalístico precisa dispor de conhecimento amplo de vocabulário e de uma seqüência lógica de raciocínio atribuídos a uma consciência ética.

Porém, tal tipo de texto pode ser amadurecido através da prática da reportagem, que se define e se diferencia da notícia pelo cuidado com sua elaboração e pela apresentação de um texto mais preciso, com maior destreza no aspecto temporal. Medina (1985) acredita nesta ruptura de temporalidade das reportagens como uma qualidade essencial para sua superioridade de riqueza e detalhes em relação à notícia tradicional.

As linhas de tempo e espaço se enriquecem enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. (MEDINA, 1985, p.134).

Segundo Lima (2004), a reportagem teve o início do seu surgimento como prática noticiosa através da revista de informação geral, criada em 1920. Essa prática introduzia outro gênero jornalístico nos meios populares: o jornalismo interpretativo.

[...] com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, descobre-se então que a imprensa estava muita presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido dos acontecimentos. (LIMA, 2004, p.19).

A revista de informação geral nasce com o papel de proporcionar ao leitor uma interpretação mais completa dos fatos através de uma vasta riqueza de detalhes. Com a Primeira Guerra Mundial, gerou-se a necessidade de atribuir maior qualidade e complexidade às informações veiculadas. As principais características do jornalismo interpretativo aplicados nas grandes reportagens são: o resgate de antecedentes e a elucidação dos fatos através do contexto e da correlação entre eles, para situar melhor o leitor na origem e no tempo do problema; a utilização de fontes especializadas, enquetes e entrevistas; a projeção das conseqüências e o perfil/personagem, responsável pela humanização do problema.

Na década de 60, o jornalismo começa a seguir outra tendência. Grandes reportagens e alguns textos de revistas passam a “beber” na fonte da literatura. O movimento americano conhecido como *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, é um dos marcos do processo que viria a originar um novo gênero. Foi através dele que este casamento entre literatura e jornalismo se espalhou pelo mundo. Tendo Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote como principais expoentes do movimento, o Novo Jornalismo assumia como

técnica principal a construção de uma narrativa apresentada cena após cena, através dos olhos de uma personagem que sentisse a realidade que tais cenas representavam, utilizando-se, muitas vezes, de uma redação em primeira pessoa.

Entre os anos 60 e 70, os Estados Unidos vivenciavam o auge da cultura hippie, quando diversas correntes de contra cultura emergiam simultaneamente, tendo como lema a recusa ao excessivo materialismo do estilo americano de vida, o chamado *American Way of Life*. Com isso, o requinte literário se evidenciava nos livros-reportagem que surgiam, além de se consolidarem como retratos fidedignos de uma época.

Lima (1998) afirma que o aparecimento de uma contestação aos costumes exigiu registros e relatos peculiares, que, para transmitirem as idéias daquele movimento, precisavam ser produtos culturais alternativos.

Aos poucos, alguns profissionais isolados foram percebendo que tudo aquilo formava um extraordinário painel de mutações, sem equivalente na sociedade americana deste século. E compreenderam que registrar, relatar e narrar aquela revolução em movimento exigia um outro procedimento, bem diferente das fórmulas clássicas do jornalismo. (LIMA, 1998, p.46).

O Novo Jornalismo vai ao encontro da literatura para enriquecer as reportagens, dando vida aos personagens e levando o leitor a sentir-se na notícia, a identificar-se. Com técnicas de um realismo social “repaginado”, cria-se nova moldura para o jornalismo. O jornalista atribui dotes pessoais para criar a sua versão dos fatos, “os repórteres saem a campo para vivenciar de peito aberto a realidade de seus personagens. Convivem com eles dias, semanas, meses” (LIMA, 1998, p.47)

A influência da literatura sobre o jornalismo não atinge apenas a superfície, a forma do texto, a estética. Mas abrange o aspecto da captação dos fatos, da observação e modificação do real. Tal influência ocasionou uma nova forma de fazer jornalismo, um novo estilo. A esta especialização deu-se o nome de Jornalismo Literário ou, interpretando de outra maneira, uma corrente literária baseada no real.

Utilizavam-se os pontos de vista, formando uma narrativa sob a perspectiva de algum participante do fato ou do narrador. Tal técnica permite a alternância entre a linguagem na terceira e na primeira pessoa, entre a subjetividade e a objetividade, admitindo que o autor ilustre escrevendo, traduzindo a reprodução de pensamentos desordenados dos personagens. Nesse contexto, ainda segundo Lima (1998), originou-se o ponto de vista autobiográfico, um artifício do qual o repórter se vale para descrever as suas próprias experiências. Para uma

construção cena a cena, o autor precisa descrever os fatos como se estivessem acontecendo naquele instante, trazendo-os para o presente. Sendo assim, o jornalista pode utilizar símbolos do cotidiano, libertando-se e descrevendo os vestuários, costumes, hábitos, tudo que contribua no processo de situar o leitor no espaço e no tempo.

Para isso, evita-se o relato puramente histórico, distante, mais o vendo como constituído de diferentes cenas, cuja seqüência e cujo encadeamento formam o quadro dinâmico da narrativa. (LIMA, 1998, p.51).

No Brasil, uma das principais produções influenciadas pelo Novo Jornalismo surgiu em 1966, a revista “Realidade”. Idealizada pela Editora Abril, tinha como principal objetivo a criação de um estilo particular, determinado pela pluralidade de temas tratados. Para isso, tinha como características o uso de enquetes e pesquisas de opinião e a abordagem vasta e profunda dos assuntos, que eram traduzidos para uma linguagem simples e acessível.

Porém, esta liberdade durou pouco. Com a censura imposta pelo AI-5, durante a ditadura militar, e a popularização dos aparelhos e programas de televisão, o público começou se habituar com informações menos aprofundadas.

Trazia informação, diversão, seriedade, honestidade e entusiasmo. Após o AI-5, todas as abordagens de grandes temas, análises de fatos para leitores lúcidos estavam sob censura. A revista é tida com menos interesse porque o público passa a buscar informações mais fragmentadas. A televisão resumia tudo e impunha velocidade nas informações e a aceitação da imagem, da recepção imediata. (Revista *Realidade*, 1966)

A decadência da grande reportagem na imprensa periódica reforça a ascensão do livro-reportagem, que, além de poder ser usado como complemento informativo sobre determinado tema, permite ao jornalista uma liberdade que não é possível nos meios tradicionais.

1.6 – O livro-reportagem

O livro-reportagem é uma mídia jornalística. É considerado jornalístico por seu compromisso com a verdade dos fatos e pela prática da sua produção. Os sinais mais marcantes do jornalismo no livro-reportagem são os seus temas, sempre análogos ao real, suas linguagem, montagem e edição, que transparecem o papel do autor de comunicar.

Edvaldo Pereira Lima defende que o livro-reportagem se apropria das características do jornalismo, mas também possui marcas literárias e, por se apresentar em constante experimentação, tem algumas características próprias.

O objetivo é oferecer um quadro da contemporaneidade capaz de situar o leitor diante das múltiplas realidades desse quadro e lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. Nesse caso, o livro-reportagem contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade. (LIMA, 1998, p.29)

Entretanto, tal prática permite ao autor uma liberdade de redação e organização textual inadmissíveis tanto na literatura propriamente dita quanto no jornalismo interpretativo e convencional. Lima (2004, p.69-71) enxerga diversas liberdades possíveis nesta prática e as classificou desta maneira:

- **Liberdade de Temática:** Uma maior mobilidade na escolha do tema, podendo abordar temas sem espaço nos jornais, exatamente por não se prenderem ao factual.
- **Liberdade de Angulação:** Não há uma cobrança dos donos dos meios de comunicação e uma coerência com a política editorial do veículo.
- **Liberdade de fontes:** Não há restrições a fontes oficiais.
- **Liberdade Temporal:** Insento de compromisso com a atualidade.
- **Liberdade de Eixo de Abordagem:** Não é preso ao factual
- **Liberdade de Propósito:** O livro pode atingir um alto patamar de compreensão.

Segundo Lima (2003, p.2), os livros-reportagem que primeiro se notabilizaram no cenário mundial foram do jornalista norte-americano John Reed, inicialmente escrevendo sobre a revolução mexicana de Zapata (“México Rebelde”) e depois sobre a revolução bolchevique, fundadora do regime soviético (“Os Dez Dias Que Abalaram o Mundo”). Ainda para este autor, no Brasil, o autor pioneiro foi Euclides da Cunha, que escreveu “Os Sertões”.

Lima (2004) sugere também uma classificação das variáveis do livro-reportagem:

- **Livro-reportagem-perfil:** Procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personalidade anônima.

- **Livro-reportagem-depoimento:** Constitui um acontecimento relevante de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Pode ser escrito pelo próprio envolvido.
- **Livro-reportagem-retrato:** Parece como um livro-perfil, só não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão.
- **Livro-reportagem-ciência:** Divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico.
- **Livro-reportagem-ambiente:** Vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas.
- **Livro-reportagem-história:** Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo.
- **Livro-reportagem-nova consciência:** Focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo.
- **Livro-reportagem-instantâneo:** Debruça-se sobre um fato recém-concluído, cujos contornos finais á podem ser identificados.
- **Livro-reportagem-atualidade:** Também aborda um tema atual, como faz o livroinstantâneo. Mas apresenta uma diferença peculiar: seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos.
- **Livro-reportagem-antologia:** Cumpre a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros.
- **Livro-reportagem-denúncia:** Apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, localizando casos marcados pelo escândalo.
- **Livro-reportagem-ensaio:** Tem como forma a postura de ensaio, o que vale dizer, a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor.
- **Livro-reportagem-viagem:** Apresenta como fio condutor uma viagem a uma reunião geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local.

Em nosso estudo, optamos por utilizar o livro-reportagem-perfil, para retratar os personagens de modo a evidenciar o lado humano destes.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

A metodologia empregada partiu de duas técnicas de pesquisa muito utilizadas pelos seguidores do *New Journalism*. São elas a “observação participante” e a “imersão na realidade”, também conhecida como “captação participativa”. Embora sejam técnicas distintas, se cruzam em diversos aspectos, complementando-se.

A observação participante é uma técnica de investigação social em que o observador compartilha os interesses, atividades, ocasiões e afetos de um conjunto de pessoas. Como tive que me integrar com um grupo que me era estranho no princípio, houve um processo de “ressocialização”, no qual aprendi novas normas e linguagens ou gírias e representei novos papéis. Por outras palavras, encontrava-me num conflito permanente entre a necessidade de me adequar às características do grupo e a de manter o mínimo necessário de espírito crítico e isenção científica.

A imersão na realidade a ser retratada é outra estratégia utilizada e, durante a produção de um livro-reportagem, permite que a obra possa trazer elementos suficientes ao completo entendimento do tema principal do ponto referencial do leitor. Portanto, acontece a inserção do autor no universo descrito.

Estes procedimentos possibilitam uma abordagem mais livre, logo, mais fidedigna. Com a junção destas técnicas, o autor não precisa se prender ao relato frio dos acontecimentos que se atravessam diante dos seus olhos, mas pode relatar também os aspectos subjetivos e psicológicos de cada fonte ou personagem retratada.

2.1 – Planejamento e Pauta

Nesta etapa, fui orientada a elaborar, antes de qualquer coisa, um roteiro de trabalho chamado “pautão”, um documento semelhante à pauta jornalística tradicional, porém, estendido. Nele constavam as fontes a serem consultadas, o cronograma de atividades, o sumário preliminar do livro e um glossário.

O contato com Mestre Garnizé foi crucial neste momento. Eu já o conhecia por tê-lo visto em eventos acadêmicos, expondo suas idéias sobre o Movimento Negro como um dos

líderes. Era o único umbandista que sabia onde encontrar. Então, com a ajuda dele, encontrei as informações necessárias para iniciar a pesquisa. A busca pelas fontes e pelos endereços necessários à confecção do pauta e ao início da apuração foi facilitada.

Além disso, agendei com o Garnizé uma visita ao terreiro do qual ele é membro, deixando clara a proposta do projeto e que gostaria de acompanhar os rituais enquanto estivesse trabalhando. Porém, o consentimento tardou um pouco, atrasando em certa medida o início da minha imersão na realidade daquelas pessoas, membros da Casa Ilê Aiyê de Oxossi. Eles precisavam do aval do Seu Sete Encruzilhadas, entidade que comanda o terreiro.

Em seguida, elaborei em conjunto com o meu orientador, um questionário base. Tal questionário tinha caráter misto: parte fechado e parte aberto. Na parte fechada, informações básicas como nome, endereço e telefone identificavam o entrevistado. A parte aberta continha questões que não poderiam ser esquecidas.

Simultaneamente a estas atividades, aconteceu a leitura das bibliografias relacionadas aos temas “Jornalismo Literário”, “Umbanda no Brasil” e “mídia e religião”, que não cessaram até o fim do processo de produção do livro-reportagem. A base que as leituras me deram foram de grande valia para o enriquecimento das entrevistas. As perguntas foram melhor elaboradas, otimizando o tempo que seria perdido com perguntas básicas.

Concedida a permissão do Seu Sete, pude começar a freqüentar o terreiro e vivenciar tal realidade. Acredito que a imersão tenha sido bastante intensa, de modo a provocar forte envolvimento com a religião, me aproximando da fé. Segui rigorosamente as orientações das entidades que lá apareciam. Uma delas foi tomar banhos de ervas preparados pelos médiuns. Eles maceravam diversos tipos de plantas, adicionavam água e me dava esta mistura para que eu me banhasse em casa, antes de dormir. Assim o fiz. Outra orientação pedia para acender uma vela para o meu anjo da guarda, ao lado de um copo com água e em lugar alto. Também a segui. Usava vestes brancas durante os rituais. Enfim, não foi uma imersão qualquer, superficial, estava disposta a entender aquela realidade da melhor maneira possível. Imergi.

2.2 – Entrevistas

As entrevistas seguiram certo padrão. Além do tema tratado ser semelhante em todas elas (a vivência das pessoas com a religião), havia o questionário base, que também

uniformiza as temáticas, já que todos os entrevistados passaram por ele. Logo, as descrições a seguir irão se ater às peculiaridades de cada entrevista e não ao tema que foi conversado.

A primeira entrevista foi com o Mestre Garnizé, filho-de-santo na Casa Ilê Aiyê de Oxossi, servente de limpeza na UFV e, um dos líderes do Movimento Negro em Viçosa. A entrevista correu no local de trabalho do entrevistado. Como foi a primeira, senti um pouco de nervosismo no começo da entrevista, sentindo-me um pouco presa ao questionário base.

Nesta entrevista, foi utilizado um gravador analógico, o que dificultou um pouco sua audição, sua decupagem² e seu armazenamento. Como o entrevistado falava muito rápido e utilizava muitas gírias que eu desconhecia, a decupagem foi a etapa mais complicada.

A segunda entrevista foi com Mestre Lau, filho-de-santo na Casa Ilê Aiyê de Oxossi e professor de capoeira. Desta vez, a gravação aconteceu na casa do entrevistado. A bateria do gravador analógico se esgotou e a única maneira de não perder a visita foi gravar a entrevista com uma câmera fotográfica digital amadora. O áudio ficou com baixa qualidade, mas, por sorte, o entrevistado falava pausadamente, permitindo que houvesse poucas dúvidas durante a decupagem. O clima da entrevista foi cordial, mas percebi que Mestre Lau estava um pouco tímido diante da câmera. Eu também estava um pouco engessada, porém, mais solta do que na primeira entrevista.

Estas eram as únicas entrevistas previstas para a Casa Ilê Aiyê de Oxossi, porém, ao conhecer a terceira entrevistada, Adna Acácio, tive muita vontade de entrevistá-la também, e assim o fiz. Adna é zeladora-de-santo e coordena o seu terreiro. Com ela, tive uma aula sobre Umbanda que me ajudou muito a entender a religião e desenvolver melhor as demais entrevistas. É a médium mais sensível do terreiro, quem incorpora a maioria dos guias (espíritos sábios) que trabalham na Casa Ilê Aiyê de Oxossi.

Quando conversamos, usei um gravador digital e senti diferença entre os equipamentos. Tanto a audição quanto a decupagem e o armazenamento foram ajudados por este aparelho que me acompanhou nas demais entrevistas.

Posteriormente, fui para a casa do Seu Antônio, no Terreiro de Umbanda João Boiadeiro, na Rua da Conceição. Como não conhecia os detalhes do local, demorei um pouco para encontrar a sua casa. Sabia apenas o bairro onde se encontrava cada terreiro, detalhes como telefone para contato, rua e número não eram conhecidos. Chegando lá, Seu Antônio me atendeu com muita cordialidade e atenção, mesmo diante da impossibilidade do agendamento da entrevista.

² Termo técnico utilizado para designar transcrição de entrevista.

Seu Antônio comanda o seu terreiro, situado em um dos cômodos da sua casa e sem nome, porém não tem a chamada “feitura”, não passou pelo ritual necessário para atingir o patamar de zelador ou pai-de-santo. É filho de santo e carpinteiro afastado por questões de saúde.

A entrevista com Pai Paulinho, Paulo Roberto do Nascimento foi a mais polêmica e impressionante das entrevistas. Paulinho, além de ter uma história de vida extremamente interessante, é um sujeito bem desafiador e sensível espiritualmente. Durante a entrevista, ele mudou de personalidade três vezes: na primeira, incorporou um caboclo; na segunda, um preto velho; e na terceira, um erê. Isto significa que a entrevista, segundo ele, foi o tempo todo vigiada por seu guias e que nem tudo pôde ser gravado, pois, à medida que Paulinho autorizava a gravação, as entidades desautorizavam. Foi assim.

2.3 – Redação

O processo de redação foi semelhante em todos os perfis. A metodologia utilizada para a redação de cada perfil foi a mesma. Portanto, o processo que descreverei neste momento se repetiu em cada um dos perfis.

Primeiro, cuidou-se da decupagem das falas. Cada entrevista foi decupada com o maior rigor jornalístico possível, para que os relatos fossem registrados do modo fidedigno. Até mesmo a edição de informações sofreu uma “auto repressão”. Optei por omitir o mínimo de palavras possível, cortava apenas aquelas palavras de entendimento muito difícil, que estavam gravadas, mas, ao serem ouvidas, não faziam sentido.

Em seguida, parti para a leitura atenta dos questionários escritos, já respondidos pelos entrevistados. Simultaneamente a esta leitura, me permiti fazer um exercício pessoal de recordar os detalhes que poderia descrever.

A última etapa se trata da escrita do livro-reportagem em si, da tradução da vivência e dos diálogos em texto escrito. Para isso, utilizei os recursos do Jornalismo Literário, que informa utilizando-se da linguagem literária, proporcionando maior prazer a quem lê e, particularmente, a quem escreve. Alguns dos recursos utilizados são listados por Lima (2004): construção cena a cena, diálogos com travessões, descrição de perfis psicológicos e físicos, roupas e outras peculiaridades que tivessem condições de reestruturar a realidade das situações, épocas e pessoas.

2.4 – Etapa Final

Nesta fase, o que primeiro aconteceu foi a revisão do material. Palavra por palavra, expressão por expressão. Em seguida, deu-se início à diagramação, elaborada por mim do início ao fim. A idéia seguia o objetivo inicial de tornar a leitura prazerosa. Então, todos os detalhes estéticos do projeto gráfico visaram isto. As fontes utilizadas, as cores, a ordem dos textos. Tudo conspira para que a leitura do livro se dê da forma mais agradável possível.

A última fase foi a de produção de imagens. As fotografias utilizadas, com exceção da imagem de capa, foram produzidas por mim e têm mera função ilustrativa. Porém, a qualidade destas não seria possível se o equipamento fosse amador. A câmera utilizada foi a Nikon D90 e, por ser profissional, permitiu que nenhuma das fotos precisasse de tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este mergulho no universo umbandista de Viçosa tenha sido de grandiosa valia para o meu crescimento pessoal e profissional. Descobri, entre muitas outras coisas, o quanto o jornalista deve ouvir o que o seu povo tem a dizer.

Aprendi que a Umbanda é tecida por entre as bocas e ouvidos do povo que a pratica e que, por mais que um autor tente sistematizá-la pouco conseguirá além de teorias. Cada pai ou mãe-de-santo, cada filho seu, cada umbandista, molda a sua crença. Da mesma forma que os cristãos, muitas vezes da mesma religião, se diferem entre si, cada qual com a sua postura diante do mundo em que vive e de sua própria crença.

Uma das maiores dificuldades que encontrei foi em relação ao entendimento da religião. Cresci em meio a estudos bíblicos, nunca havia adentrado no mundo das religiões afro-brasileiras. Foi muito difícil compreender a religião e sua linguagem, suas expressões que, na maioria das vezes, acontece em Iorubá (dialeto africano). Esta situação me fez perceber o quanto os brasileiros desconhecem o país em que vivem.

Em campo, senti intimamente os desafios que uma grande reportagem carrega. A apuração realizada foi muito além de pesquisas e entrevistas via internet ou telefone, comuns na prática jornalística atual. Conheci todos os entrevistados a fundo. O objetivo de compor um livro-reportagem-perfil, neste caso, perfis, me cobrou esta postura. Sem este contato mais próximo, não poderia descrever os cenários, situações e pessoas com a precisão que o Jornalismo Literário demanda, não conseguiria dar vida à história que me propus a contar.

No princípio, queria muito fortemente livrar os umbandistas do preconceito, era meu principal objetivo. Porém, percebi que a oportunidade de dar vida, cor, nome, sexo, idade à realidade retratada já se encarregaria da sensibilização que eu buscava provocar. A escolha do tema somada às técnicas absorvidas do Jornalismo Literário e das teorias acerca do livro-reportagem constituíram a mistura perfeita.

A tentativa de argumentar contra a intolerância religiosa no Brasil, com o tempo, ficou em segundo plano. Com as definições de Edivaldo Pereira Lima, em seu livro “Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, encaixei meus planos no livro-reportagem-perfil e não mais me preocupei. Tive a certeza de que uma das conseqüências deste trabalho seria esta, bastava que eu fosse jornalista e fizesse o meu trabalho.

Além disso, ao fim do trabalho, senti um verdadeiro encontro comigo mesma. Uma espécie de jornada individual que, após tempestades, aporta num cais sereno. É quando o conforto do entendimento se mostra. Percebo que foi um grande passo na construção da minha identidade, que é plural e ainda incompleta. Lembro-me então de Stuart Hall, ao qual “conheci” no período de idealização do livro, dizendo que a partir do momento que os cidadãos não se identificam, os símbolos perdem seus significados.

Tal processo aconteceu no meu caso. Muitos símbolos presentes em meu cotidiano faziam pouco sentido. Estabeleceu-se, então, uma dialética entre identidades, uma relação diferente da assimilação e da homogeneização, uma espécie de tradução de identidade. Senti, ainda concordando com Hall (2005), que retinha forte vínculo com as tradições de origem africana, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Negocieei com as novas culturas que me cercavam sem simplesmente ser assimilada por elas, mas dialogando e guardando em mim parte das minhas identidades originais.

Espero ter contribuído para a propagação dos estudos sobre mídia e religião, demonstrando que é possível encaixar o tema em áreas menos habituais. Acredito que, com este trabalho, novas conexões podem ser feitas. Desejo que as interrelações possíveis ganhem mais uma delas.

Pretendo também, em breve, disponibilizar esta obra a toda comunidade universitária, para que esta entre em contato mais intimamente com o assunto que praticamente não existe em suas salas de aula e bibliotecas. Espero motivar o debate não só acerca da relação entre mídia e religião, mas também sobre os temas que precisam ser melhor amparados pela academia, como a intolerância religiosa no Brasil.

No campo religioso, espero provocar certa motivação aos umbandistas do Brasil. Espero que eles se reconheçam na obra e renovem sua auto-estima, que percebam seus iguais abrindo a face e o peito para reafirmar e divulgar a sua crença. Espero ajudar na luta contra a maré de preconceitos que este povo enfrenta e plantar em suas almas a semente do conhecimento, fazendo germinar o espírito protagonista que todo cidadão deve carregar em si.

Por fim, percebo que o livro-reportagem “Povo de Santo: umbandistas de Viçosa”, além de me proporcionar vasto conhecimento a respeito de um assunto que desconhecia quase completamente, despertou em mim a vontade de ser jornalista, de conhecer o que me transmite medo, de contribuir com a comunidade que me cerca. Me fez acreditar que faço diferença no mundo e que mais do que um diploma, preciso assumir a missão de desvendar o

desconhecido para que possa mostrá-lo aos mais temerosos. Para que estes conheçam o que julgam perigoso e compartilhem comigo este sentimento de liberdade que me toma agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Sergio Vilas. **O Estilo Magazine: O texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

BORELLI, Viviane; SACHOTENE, Renan S. **Mídia e Religião: um estudo de recepção sobre a Romaria da Medianeira**. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação/ E-compós*, Brasília, v. 11, n. 3, set./dez. 2008.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Deus é brasileiro e católico. Religião no noticiário contemporâneo da grande imprensa brasileira: contribuições teóricas à interrelação Estudos Culturais-Mídia-Religião**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33, Caxias do Sul (RS), 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guara cira Lopes Louro – 10 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IEMANJÁ, Mercina de. **Umbanda, unicamente Umbanda**. Disponível em: <<http://www.caboclajurema.com.br/umbanda.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

KRAMER, M. **Regras rompíveis do Jornalismo Literário**. Disponível em <<http://www.textovivo.com.br/seminario/nota07.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

_____. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Registros breves para uma história futura**. Disponível em: <www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=f120030902203904&category=ensaios&lang=>>. Acesso em: 23 nov. 2010.

MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Modernidade com Feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do Século XX**. *Revista Social*, São Paulo, v. 1. 1989.

SANTANA, A. **Jornalismo Literário**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicacao/jornalismo-literario/>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrúpio Comércio, 1981.

WORLD BOOK ENCYCLOPEDIA. Encyclopedica Britannica, 2003.

ANEXOS

SUMÁRIO DE ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA 1	37
ANEXO 2 – ENTREVISTA 2	41
ANEXO 3 – ENTREVISTA 3	46
ANEXO 4 – ENTREVISTA 4	50
ANEXO 5 – ENTREVISTA 5	53
ANEXO 6 – ENTREVISTA 6	58
ANEXO 7 – ENTREVISTA 7	67
ANEXO 8 – ENTREVISTA 8	75
ANEXO 9 – MODELO DE AUTORIZAÇÃO UTILIZADO	85
ANEXO 10 – GLOSSÁRIO	86

ANEXO 1 – ENTREVISTA 1 – Luís Carlos Vitor (Mestre Garnisé), 49 anos, umbandista desde 1994, residente em Viçosa/MG e membro da Casa de Referência à Cultura Afro-religiosa Ilê Aiyê de Oxossi há 5 anos. Dia 31/08/2010. Local de trabalho do entrevistado.

EM: Como, quando e por que se aproximou da Umbanda?

MG: Minha aproximação com a Umbanda foi através da Capoeira, uma cultura negra que me ensinou a respeito dos pretos velhos da Umbanda, que me chamaram a atenção. Então, foi a partir daí que eu fui conhecendo as entidades, os terreiros e descobrindo outras coisas vida. Até hoje, cada dia pra mim na religião é um aprendizado. Acho que mais ou menos em 1986, através de um aluno meu, que é até da Bahia mesmo. Ele começou a falar do lado religioso da Capoeira, dos pretos velhos e tal. Dali, me falou da luta da consciência negra, aí eu comecei a me ligar, foi ai que eu despertei pela coisa. Com os “toques” que ele dava, eu fui despertando e começando a conhecer o lado religioso, sabe? Mas entrar mesmo para a religião, ser adepto, foi em 1994, através de uma mãe-de-santo que eu conheci e ela jogou uns búzios, ai eu gostei dos búzios, que falaram tudo da minha vida. A mãe-de-santo não me conhecia, ela era do Rio de Janeiro, ai eu me ofereci pra ser filho-de-santo dela. Ai, ida e volta, ida e volta na casa dela, ela abriu o centro e eu fui um dos seus primeiros filhos-de-santo. Ai esse terreiro acabou, ela teve um câncer de mama e decidiu abandonar o terreiro. Eu continuei em casa, seguindo com as imagens, os meus rituais, cuidando por conta própria, né? Até que decidimos firmar um terreiro agora, depois de 2005. Não tinha lugar pra fazer, uma hora era na mata, outra hora era na casa de um e de outro, mas tava sempre encontrando. Ate que conseguimos abrir o nosso terreiro lá na Comunidade dos Barros, de lá viemos pro Paraíso e, do Paraíso, aqui agora, na casa 14 da Vila Secundina, definitivamente.

EM: Qual foi a sua sensação ao pisar em um terreiro pela primeira vez?

MG: A primeira vez de tudo? A primeira vez que eu pisei num terreiro eu senti medo. Porque eu tava mal aqui na universidade, eu senti que tava tudo travado na minha vida, não tinha ânimo pra trabalhar, aí eu fui à procura. Fui ao Morro do Pintinho e procurei um homem que se chamava seu Emídio, um velho benzedor. Cheguei lá e vi ele riscando o chão, tinha uma capa preta, riscando uns pontos no chão e depois ele botou uma vela vermelha acesa na boca ai não consegui conversar com ele, nem cheguei perto, voltei, com medo. Só depois, com trabalho, que fui perdendo esse medo, entendeu? Esse menino que foi meu aluno veio de um

terreiro grande do bairro Silvestre, que era do Seu Tão antigamente, mas ali não tinha muita verdade, não condizia com a realidade, tinha muita coisa, aí eu falei “puta, ta errado”. Aí depois que eu conheci a Dona Sueli, uma mulher que vinha do Rio de Janeiro com todos os valores certinhos, eu tinha aula teórica, tinha tudo direitinho, as entidades. Outra coisa: conversando, a gente via a realidade; ela falava uma coisa você comprovava. Aí eu pensei “Opa, to no lugar certo!” Aí eu lutei por esse espaço. Depois que acabou o terreiro, a Jaqueline, minha amiga, foi embora para uma cidade perto de Carangola, Pociúncula, e eu fui atrás dela. Resolvi ir na casa dela, descobri um outro terreiro lá, ela me levou lá e aí eu fui insistindo com ela para que voltasse para cá e continuasse liderando o grupo. Através dela e de seus guias ela voltou para Viçosa, havia uma necessidade de um terreiro de luz na cidade, um terreiro de verdade para atender à demanda daqui. Foi quando eu abracei a causa e estamos aí até hoje.

EM: E sua família, o que pensa? Participa?

MG: A família é complicado. A minha mãe, no tempo antigo, sempre que percebia alguma coisa errada corria atrás dos benzedores. Embora os terreiros daquela época fossem um pouco mais atrasados, pois não eram iguais aos de hoje, ela já tinha fé, já acreditava, mas não deixava de ser católica, católica demais por causa de meu pai. Meu pai era mais católico e ela corria, benzia com brasa, essas coisas. Ela tinha essa crença dela. Ficava meio a meio. Os meus irmãos, até hoje, me discriminam. Tem irmão que me discrimina. Têm os motivos deles e tem esse sistema dominante que faz lavagem cerebral na cabeça do povo. Então, é difícil. Eu tenho um irmão mais velho que, coitado, desacredita porque a ex-mulher dele era “de-santo” também e fazia muita coisa errada. Então, ele começou a se assustar, começou a achar que a religião era aquilo. A ex-mulher dele era muito desonesta, ele tomou pavor por isso. Ele fica brigando com nós, briga até com o Lau. Diz que Lau não deveria me acompanhar, que ta errado, mas isso é falta de entendimento. Falta de sentar com ele e explicar pra ele.

EM: O que mudou depois que se integrou à Umbanda?

MG: Ah... Mudou o comportamento, né? Antes eu era um cara gandaieiro demais, fazia muita coisa errada, sem noção das coisas. Aí as entidades começaram a me chamar a atenção, “Olha, ta errado”, “A vida não é assim”, elas começaram a me cobrar coisas da vida. Eu vi que realmente existe uma outra maneira de enxergar a vida.

EM: Você disse que já sofreu e ainda sofre vários tipos de discriminação por ser adepto da Umbanda. Como você reage a isso tudo?

MG: Olha, eu bato de frente mesmo. Há algum tempo atrás, eu ainda me escondia. Quando escrevemos um projeto para conseguir uma sede para os nossos rituais, omitimos muitos detalhes sobre as sessões, sobre os orixás, muita coisa nós escondemos. Aí quando nós chegamos lá pra conversar com o pró-reitor responsável ele disse “você bateram palma à toa, não gostei, vocês não peitaram, não falaram nada da religião, está errado”. Eu fiquei sem dormir pensando “puxa vida, ele tem razão, tem que ir pra frente mesmo”, ele ainda disse que mesmo que nós perdêssemos tudo, sairíamos desta tentativa de alma lavada, porque teríamos enfrentado o problema. Aquilo me deu injeção de ânimo e coragem de enfrentar qualquer pessoa. Hoje, qualquer um que falar mal eu não aceito.

EM: E suas filhas, que também freqüentam a casa, têm problemas de aceitação na escola?

MG: Tem um caso. Há pouco tempo a Luanaê, 8 anos, relatou pra mim que a professora estava querendo obrigar ela a rezar. Eu fiquei com aquilo engasgado e fui lá conversar com a diretora.

Então eu falei “Professora, nós somos umbandistas e eu queria pedir para a senhora, por favor, por caridade, não obriga minha filha a rezar, não, nós somos Umbanda. Então, quando ela não quiser rezar, deixa ela à vontade”. Ela retrucou “Não, o que a gente reza é o Pai Nosso e a Ave Maria, são preces universais”, eu falei, “não, universal não, a nossa linha é africana, não tem nada a ver com o catolicismo, isso é catolicismo”. No fim ela entendeu, até quis saber onde era o terreiro e tal, falou que a mãe dela também era de terreiro, aí parou, foi bem bom. Pelo menos minhas meninas já estão tendo essa consciência. Elas mesmo falam, se mexerem com elas, elas partem pra frente, eu estou criando elas na linha. Na linha de peitar, de enfrentar, de assumir essa coisa, sabe? Essa religiosidade dos africanos, do afro descendente. O que precisa aqui dentro de Viçosa é isso. Já organizamos algumas manifestações, chamando o pessoal para marcha, para fazer alguma coisa na rua, mas a maioria dos yaôs não aceita. Muita gente até se afastou do terreiro para não ter que ir pra rua, vestir a camisa e tal, eles não colocam. A casa está pequena, mas nós queremos mostrar isso aí. Sabemos que vai demorar muitos anos pra conseguir abrir esse campo, para o pessoal aceitar e ter essa consciência, mas sabemos também que tem que existir os primeiros a espalhar isso aí.

EM: Suas filhas gostam de frequentar o terreiro?

MG: Gostam. A gente pensou em ficar um mês de recesso aí elas disseram “Ah pai, podia ficar esse tempo todo parado nada, vou sentir falta”, “Ah, não to achando bom isso aí...” Elas dormem ao som dos pontos dos orixás que eu canto pra elas. Os pontos que eu canto pra elas dormirem. O que estou ensinando pra elas é isso aí, sabe?

EM: Como você se relaciona com pessoas de outras religiões?

MG: Eu dialogo. Algumas pessoas evangélicas costumam ir na minha casa e eu nem preciso pedir para me respeitar, de cara já falo: eu sou umbandista e não adianta falar nada. Quer discutir? Então eu vou discutir, até convencê-los que pra cima de mim não tem nada. O pessoal da minha rua tinha o maior preconceito, porque lá em casa eu faço defumação, tenho meu barracão, onde eu cuido do santo e segunda-feira eu vou na laje, desço a escada e vou até a porta da rua defumando e o pessoal não gostava. Me disseram que eles andam falando de mim, eu digo “Pode falar, põe na rádio que eu sou isso”. Eu sou e assumo que sou. Hoje, eles me respeitam mais.

EM: Pra que serve essa “defumação”?

MG: A defumação é pra purificar, é limpeza, é afastar todas as negatividades que ficam na casa. Uso Alecrim, Arruda, Guiné e Folha da Jurema. Esse barracão é de segurança, é a Casa das Almas, dos exus, os exus são as entidades que tomam conta da casa, eles que fazem a comunicação com os Orixás, eles que seguram a firmeza de uma casa. Então, eu fiz esse lugar pra eles lá, as energias sem luz ficam lá. Eu faço as oferendas pra eles e depois defumo a casa, é um ritual. É lá no barracão que eu faço minhas falas, as preces para os católicos. Na hora do sufoco, na hora que eu preciso, eu vou lá falar com eles. É lá que eu converso com os meus Orixás.

EM: O que é Umbanda pra você?

MG: Umbanda pra mim é mais do que uma religião, é o lugar onde a gente busca a paz, onde a gente aprende coisas pra vida, onde a gente ta aprendendo a ser mais humano, a fazer a caridade. É mais ou menos isso aí.

EM: O que de mais importante você aprendeu durante este tempo de culto à Umbanda?

MG: Aprendi o que é de extrema importância na vida de um ser humano, que o Orixá é tudo. Ele é a luz, ele é tudo. Você tem problemas, como todo mundo tem, mas você a solução, tem força para estar caminhando. Eu tenho alguma dificuldade, vou conversando com eles e superando aquela situação. Eles têm resposta pra tudo. Eu vejo que na vida a gente não pode ficar só na farrá, tem que ter esse lado espiritual. A gente está cumprindo uma missão aqui na Terra, estamos cumprindo tarefas e se preparando para pagar dívidas também e na próxima encarnação ter uma vida melhor. Tudo que eu faço eu penso no próximo, eu penso em não sacanear ninguém, aprendi muito sobre a vida e tudo mais.

ANEXO 2 – ENTREVISTA 2 – Luciano Vitor da Silva (Mestre Lau), 35 anos, umbandista desde 2005, residente em Viçosa/MG e membro da Casa de Referência à Cultura Afro-religiosa Ilê Aiyê de Oxossi há aproximadamente 3 anos. Dia 01/09/2010. Casa do entrevistado.

EM: Como, quando e por que se aproximou da Umbanda?

ML: É difícil falar da minha vida sem falar da capoeira. Sou nativo mesmo, da cidade de Viçosa e sempre estive envolvido, desde criança, desde os sete anos de idade eu estive envolvido nessa área cultural. Particularmente a capoeira. Comecei com sete anos e não parei mais. Há quase 25 anos eu pratico capoeira e nessa trajetória da capoeira eu fui conhecendo outras culturas: maculelê, jongo, bumba-meu-boi, dança afro, puxada de rede, enfim. Uma gama de outras ramificações da cultura afro-brasileira. Como o candomblé é uma das ramificações mais fortes, eu sempre tive paixão, apesar de não entender muito bem e ter sido criado numa cidade muito conservadora. Às vezes eu discriminava. Eu achava que qualquer coisa que desse errado na capoeira era porque Garnisé sempre seguiu essa linha de Umbanda. Só que depois eu recebi um chamado, tive que cair na real. O fato de eu estar envolvido com a Capoeira, me insere na cultura afro. Todos os caminhos que eu pegava na cultura afro me levam ao caminho das religiões de matrizes africanas. Tudo que tem a ver com tambor, que envolve tambor tem a ver com Orixá, porque Orixá é um conjunto de coisas apesar de ser possível separar essas culturas. Se eu quiser praticar só capoeira, eu posso. Posso praticar capoeira sem praticar Umbanda, não tem nada a ver. Mas eu achei importante praticar a capoeira, a umbanda, pesquisar sobre candomblé... Eu me senti mais vivo. Tinha um terreiro da Dona Sueli, que por sinal era mãe-de-santo do Garnisé e da Adna também, e lá sempre tinha festa. Antes eu só ia nas festas do terreiro, porque eu gostava das comidas, dos

movimentos, das roupas, mas não entendia muito. Nessa época, eu já me identificava muito com essa coisa de tambor, essa qualidade ancestral. Um belo dia, eu recebi um chamado e vi que eu tinha uma mediunidade um pouco apurada pra esse tipo de coisa. Então, aos poucos eu fui tomando alguns passes. Por gostar muito de atabaque, já cantava alguns pontos de Umbanda. Fui me identificando e resolvi seguir esses passos mesmo. Hoje, vejo que perdi um tempo muito grande. Se eu tivesse conciliado antes a vida material com a vida espiritual eu teria evitado certos tipos de coisa. Principalmente em relacionamentos, a entidade já vê se vai dar certo ou não. Emprego, a entidade previa “ó, não vai por esse caminho, vai pelo outro”. Andei muito caminho errado por ter a força e não saber usar a força, entendeu?

EM: E sua família, o que pensa? Participa?

ML: É muito engraçado isso, porque a minha mãe é católica, né? Mas eu me lembro de na infância ela ter me levado nuns salões com o “cinco Salomão” no meio e algumas velas. Ela dava umas corridas atrás. O meu pai era mais fechadão. Só que eu perdi o meu pai muito cedo. Os meus irmãos nunca gostaram, toleram, mas não gostam até hoje dessa linha umbandista. Isso fez com que eu todo dia me reafirmasse como filho-de-santo. A minha mãe, Dona Maria Rocha, não enxerga mais tão bem. Mas já foi lá no terreiro, cantou, participou. Teve um irmão meu que foi também, mas ficou meio de fora, não quis entrar. Mas todos eles me respeitam. À medida que a gente vai mostrando serviço, aí fica mais fácil. A gente mostra que a gente não está caindo por caminhos escuros, que não vão dá em coisa legal.

EM: Essa sua aproximação com a Umbanda tem alguma coisa a ver com a necessidade de se reafirmar como afro-brasileiro ou foi apenas uma busca espiritual?

ML: Também, porque eu tive muita dificuldade, por não ver muitos homens negros representados pelos meios de comunicação, de me afirmar enquanto negro. Eu me negava algumas vezes. Às vezes queria usar um cabelo diferente, mas tinha vergonha; às vezes queria usar uma roupa mais colorida, tinha vergonha. Mas depois eu vi que isso já vem com a gente. Essa coisa do colorido, essa coisa de ser diferente mexeu comigo. Eu comecei a me auto-afirmar negro e militante do movimento, tendo uma postura até mais firme perante a sociedade depois que eu conheci a Umbanda. Eu nasci com uma semente que tava muito dura, precisou de várias pancadas pra essa semente germinar. Eu gostava das coisas da África, gostava das coisas da Bahia, mas tinha certo preconceito. Depois que eu tive essas revelações, fui assimilando as coisas. Na escola, não aprendi nada sobre isso. Não via super-heróis negros

na televisão... Depois que eu conheci a Capoeira e vi que podia ter esses heróis negros, eu comecei a ver que eu podia ser o senhor da minha ação, que eu podia ser protagonista e não coadjuvante da minha história.

EM: O que te motivou a pesquisar sobre a cultura afro-brasileira?

ML: Dentro do movimento da Capoeira existem vários outros movimentos. Eu fui conhecendo outras culturas: Bumba Meu Boi; Puxada de rede, que falava de Iemanjá. Comecei a me perguntar “Quem é essa Iemanjá, essa deusa do mar?”, “Quem é essa Iansã, dona dos ventos, dona da tempestade?”, “Quem que é esse Xangô, dono da pedreira?”, “Oxum, dona do ouro e quem é Besouro de Mangangá?” Aí eu fui assimilando as coisas. Formou-se um tipo de mosaico. Juntando uma pecinha aqui, outra pecinha ali, lia algumas coisas e fui juntando e formando uma opinião.

EM: Quando você despertou essa curiosidade por essas culturas?

ML: Sempre tive muita curiosidade. Guardava uma coisa na mente e ia pesquisar. Foi na adolescência. Uma vez que eu fui ao Rio de Janeiro e vi uma puxada de rede, um Maculelê, eu fui me envolvendo, acreditando e pensando “Isso tem a ver comigo, parece comigo”. Daí fui me aproximando mais.

EM: Como que foi essa trajetória, da sua aproximação com a Umbanda até o terreiro que frequenta hoje? Por que você escolheu a Casa Ylê Aiyê de Oxossi?

ML: Na verdade, eu acho que a Casa que me escolheu. Quando eu frequentava o terreiro de mãe Sueli, meu irmão frequentava e a Adna, que eu conheci lá, ela fechou o terreiro. Nós ficamos sem referência. Conheci outros terreiros e eles não tinham o conteúdo que aquele tinha. Realmente, a Dona Sueli era uma pessoa que entendia muito de tudo. Desde as roupas totalmente limpas, da comida até o zelo pelos Orixás, o zelo pelas roupas, o zelo pela limpeza do terreiro... Ela exigia muito e isso aí foi passado para a geração que ficou. Depois que ela abandonou e a gente ficou sem referência por um tempo. Aí a Adna, como era a pessoa mais elevada espiritualmente, decidiu assumir, não como mãe-de-santo, mas como zeladora. Fragmentos que sobraram do outro terreiro foram se unindo a ela. O terreiro antes era na mata, depois nós fomos para um sítio, depois ficamos um tempo sem lugar até surgir a idéia de pedir a casa da UFV e aí, com a força dos Orixás, conseguimos a casa.

EM: Como você se relaciona com pessoas de outras religiões?

ML: Eu procuro respeitar ao máximo essas pessoas para poder exigir delas o mesmo respeito. Só que eu tenho uma certa bronca, não com todas as religiões evangélicas, mas com os crentes da Igreja Universal do Reino de Deus que tentam combater a Umbanda. Falam mal de entidade, dos Orixás, sem conhecer. São leigos no assunto e deturpam as religiões afro-brasileiras. Então, eu fico com receio. O pessoal da Igreja Católica é mais light, não gosta, mas respeita mais.

EM: O que você pensa a respeito da associação que se faz entre as religiões afro-brasileiras e o diabo?

ML: É uma coisa pejorativa. Os europeus chegaram à África e não entenderam o que estava se passando ali. Os cultos aos Orixás e tudo. Da mesma forma que encontraram a cultura indígena e não entenderam. Como forma de dominação, tentaram impor uma cultura única, nem que pra isso eles tivessem que dizimar os índio e escravizar os negros. Então ficou essa imagem. A Igreja católica sempre teve essa coisa do bem e do mal. O que prestava pra eles, era o bem, Deus, o que no prestava era o diabo. Então ficou esse estigma. Eu penso que é uma grande falta de respeito essa associação, falta de conhecimento. Antes, ainda não existia essa quantidade de antropólogos, que pesquisavam a fundo as diferentes culturas. Hoje, existem estudos aprofundados sobre o assunto e isso está sendo desconstruído. A Umbanda, o Candomblé são uns dos grandes responsáveis por essa desconstrução. A desconstrução desse velho estigma.

EM: Qual foi a sua sensação ao pisar em um terreiro pela primeira vez?

ML: A primeira vez que eu pisei num terreiro foi meio inconsciente. Eu era criança e a minha mãe me levou num salão e tal, eu me senti bem. Entrei de um e sai outro, bem melhor. Mas quando eu pisei no terreiro da Dona Sueli, na minha juventude, eu pisava, olhava, respeitava mas não entendia. Sentia que aquilo era bom, mas que era muito diferente daquilo que eu vivia, do que foi passado pra mim, da minha orientação, do que eu via na mídia. Eu achava muito diferente de tudo. Com o tempo, eu fui tendo umas revelações, sonhando com entidades supremas, criando cobrança. Hoje em dia eu acho muito tranquilo, até convidado as pessoas. Parei com aquele medo que eu tinha, hoje não tenho mais.

EM: Por que você sentia medo?

ML: O ser humano teme tudo que é desconhecido.

EM: Você já sofreu algum tipo de discriminação ou intolerância quanto à sua opção religiosa?

ML: Eu acho muito difícil você ser negro no Brasil e não sofrer discriminação. Mesmo que não seja a discriminação verbal, mas psicológica, é muito complicado. Para a gente manter aquele espaço dentro da UFV, que é uma coisa da elite, que ela domina, todo dia a gente tem que se reafirmar. Hoje toleram a gente, antes tinham algumas conversas, não gostavam. Eu acho que um dia essa intolerância tem que acabar. O povo negro e simpaticante tem que botar a cara na rua mesmo, hastear a bandeira e mostrar que a gente tem valor, que a gente a ajuda as pessoas que querem ser ajudadas. A religião é a melhor roupa que a gente veste. Se você está naquela religião e se sente bem, é o que basta.

EM: Como você reage a isso tudo?

ML: Quando eu vejo que a pessoa é leiga, eu tento conversar, eu sou muito aberto, tento conversar e explicar que não é coisa do diabo, tento até convidá-las a um culto e tal. Mas quando eu vejo que a pessoa tem conhecimento sobre aquilo, às vezes até já frequentou e fala mal, aí eu já começo a bater de frente. Eu acho que o cara não frequentou um terreiro de luz, ou entrou naquilo ali só para tirar vantagem, querer prejudicar o outro. Não deu certo, foi para outra religião e começou a falar mal. Aí eu começo a bater de frente com ele.

EM: O que de mais importante você aprendeu durante este tempo de culto à Umbanda?

ML: Eu, como bom filho de Ogum, aprendi a liderança. Ogum quer dominar os espaços, ele quer ser o maior, é possessivo. Ele tem uma série de defeitos que eu ainda tenho, mas que estão reduzidos. Eu estou sempre me policiando, me contendo. Já ouvi muita bronca de entidade, até hoje ouço, abaixo a cabeça. Eu vejo que ali tem um aprendizado muito grande e eu levo isso pra vida. Então, uma pessoa que passa por essa porta, eu to dando aula de capoeira, e fala “Isso que você está fazendo está errado”, eu vou parar para ouvir. “Está errado por quê?” e vou ouvir aquela pessoa. Antes eu tinha dificuldade, o que eu fazia era o certo e pronto. Hoje eu já paro para ouvir, me relaciono melhor com as pessoas, com a sociedade. Melhorei meu relacionamento familiar também e sou mais respeitado por causa disso.

EM: O que mudou depois que se integrou à Umbanda?

ML: Antes eu vivia como uma ovelha fora rebanho, porque, diante das dificuldades que eu tinha, eu ia procurar a orientação religiosa que eu conhecia, a Igreja Católica Apostólica Romana. Eu ia na igreja, andava até o altar, ajoelhava, via tudo muito bonito, mas não resolvia meus problemas. Ia na igreja domingo e na segunda-feira os problemas já estavam de novo na minha frente. Na Umbanda, eu vi que os problemas vinham mas também vinham as soluções pra esses problemas. Então, eu achei que era mais adequado seguir adiante com a minha fé na Umbanda e agir dessa forma.

EM: O que é Umbanda pra você?

ML: “A Umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz, é a força que nos dá vida, e a grandeza nos conduz. Avante filhos de fé, como a nossa lei não há, levando ao mundo inteiro a Bandeira de Oxalá!” É como o próprio hino da Umbanda diz. A gente busca força nos cultos e essa força reflete. Eu vou na Umbanda no sábado e, quando chega na segunda-feira, eu inicio a semana com energia, com a bateria recarregada. Na nossa religião a gente sente isso. Nas outras religiões eu não senti isso. Eu via que, na Igreja Católica, algumas pessoas ficavam disputando espaço entre si. Na Umbanda há um espaço coletivo. Tudo é de todos, todo mundo manda, quem quiser dançar dança, quem quiser aprender a tocar tambor pode, quem quiser aprender a fazer uma comida pode. Então, tudo é de todos.

ANEXO 3 – ENTREVISTA 3 – Adna Acácio, 34 anos, umbandista desde 1995, residente em Viçosa/MG, zeladora-de-santo da Casa de Referência à Cultura Afro-religiosa Ilê Aiyê de Oxossi. Dia 11/09/2010. Casa do entrevistado.

EM: Como, quando e por que se aproximou da Umbanda?

AA: Me aproximei da umbanda pelo seguinte: na minha família por parte de pai, todas as minhas tias foram embora muito cedo da cidade de Viçosa e foram morar no Rio de Janeiro. Então, eu comecei a conhecer a religião através delas e elas são praticantes do Candomblé. No final do ano, elas sempre chegavam aqui pra visitar minha avó, que já mexia também com essa parte de “benzeção”. Essa minha avó sempre me levava no terreiro que ela freqüentava, mas eu era criança, não entedia nada. Sempre acompanhando minha avó sem entender nada. Parece que já ta no sangue, né? Minhas tias eram do Rio e tal. Lá na casa da minha avó elas, de vez em quando, abriam a gira, eu via descer entidades nelas, aí eu fui começando a ter esse

conhecimento e aprofundando mais. Sempre acompanhando minha avó, mas sem o entendimento daquilo tudo. Passado um tempo eu comecei a ouvir muito Garnisé, comecei a fazer capoeira muito cedo, por volta de uns doze anos de idade e o Garnisé já freqüentava terreiros aqui em Viçosa. Aí eu comecei a ter aquele interesse. Minhas tias, minha avó, agora o Mestre, Mestre Garnisé. Então eu quero conhecer, eu quero conhecer. Eu e o Garnisé ficamos sabendo da Dona Sueli através de uma amiga dele. Então, foi o meu primeiro contato realmente, saber o que realmente é Orixá. Minhas tias vinham e tal mas eu não tinha entendimento nem idade para ter esse entendimento. O que eu é um Orixá? Com a Sueli que eu vim a saber o quê que é Orixá. A palavra Orixá. O quê que é Orixá... O-ri-xá.

EM: E o que é?

AA: Orixá é isso aí que você está vendo. Orixás são deuses, são forças da natureza, o que move isso tudo aqui ó, que a gente está vivendo. Onde a gente está agora neste exato momento. É o ar, é a cachoeira, é a mata... Isso tudo é a força do Orixá.

EM: E sua família, como vê isso tudo?

AA: Tem um irmão meu que é daqui do terreiro. Minha mãe e meus outros irmãos vêm só quando a barriga dói, quando estão precisando de alguma coisa. Mas sempre minha mãe está aí; “ô mãe, vou precisar de fazer comida-de-santo, você pode vir?”, minha mãe vem. Minhas irmãs vêm tomar um passe, mas não encaram a religião como eu mesma. Não há conflito nenhum. Me respeitam. Me respeitam. Me respeitam...

EM: Qual foi a sua sensação ao pisar em um terreiro pela primeira vez?

AA: Eu era muito nova, né? Não lembro direito... Então eu vou falar da primeira vez que eu fui ao terreiro da Sueli. A primeira vez que eu fui pro terreiro da Sueli, foi quando ela jogou os búzios pra mim eu já senti aquela coisa diferente. Eu nunca tinha visto nada daquilo, nunca tinha ouvido falar em búzios. Então, eu já comecei a sentir uma coisa diferente. Aí veio o meu desenvolvimento, então eu comecei a me desenvolver, aí foi uma foi uma energia que começou a tomar do pé, subindo, uma ventania que veio do pé e veio subindo, veio subindo pra cabeça e tudo foi ficando distante naquele momento. Tudo foi ficando distante... As pessoas, todo mundo foi ficando distante. Aí eu travei e pensei “O que é que ta acontecendo? O que é que ta acontecendo”. Travei. Me deu uma câimbra tremenda, uma dor no corpo. Vieram, me passaram um álcool, minha mãe de santo falando “Ó, relaxa, fica mais relaxada”

e tudo mais. Nesse dia eu senti que aquilo é uma força, você entendeu? Senti realmente a presença do povo mesmo... Nesse dia... Foi uma coisa inesperada mesmo. De repente comecei a sentir uma ventania no pé e foi embora.

EM: O que você pensa que mudou depois disso? Quanto mais você se aprofunda e se dedica a isso o que se transforma?

AA: Ah muda, muda muita coisa. Porque antigamente, digo, no passado, eu não tinha estrutura para comandar uma gira, não sabia o que era uma abertura de gira. Não sabia como fazer uma comida-de-santo, de Orixá. Então, hoje, hoje mudou muita coisa. Hoje eu seguro uma gira, sei fazer uma comida de Orixá, sei o dia certo. A parte das ervas também. Então mudou muita coisa. Em quinze anos, mudou muita coisa. Eu tenho mais responsabilidades, porque eu não estou zelando aqui só pelos Orixás, também zelo pela cabeça de outras pessoas que estão aqui, outros médiuns que estão freqüentando a casa. É uma responsabilidade muito grande. Esqueça de pai e mãe mas nunca esqueça de Orixá. Você tem ter esse compromisso com eles.

EM: Como você se relaciona com pessoas de outras religiões?

AA: Quando eu estou com pessoas de outras religiões, conversando, a partir do momento que não agrida a minha religião, respeito de boa. Todo mundo tem livre-arbítrio, todo mundo pode escolher qualquer religião, mas que cada um respeite a religião de cada um, né? Eu me dou bem com crente, com católico, de boa. Não tenho conflitos, não.

EM: O que você pensa a respeito da associação das religiões afro-brasileiras ao diabo?

AA: Pura ignorância. Eu acho que antes de dizer qualquer coisa sobre o desconhecido, você tem que conhecê-lo. Pra não ficar falando tanta besteira. As pessoas vêm assim “terreiro é coisa do diabo”, “o que está lá dentro é o diabo”, mas a pessoa tem que vim, é assim que Seu Sete Encruzilhadas sempre fala, “Venha para conhecer”. Porque achavam que Seu Sete era um homem que tinha rabo, chifre e o olho vermelho. Então ele fala, “Venha me conhecer”. E, quando chegam aqui, não tem nada disso. Não vê nada disso! E onde está o diabo nisso? Eu acho que o diabo está dentro de cada um, tem muita gente aí fora fazendo coisas que a gente pensa assim “Nossa Senhora, só pode ta com o diabo no corpo pra ta fazendo tanta coisa ruim”. E pensar que o Orixá é o diabo, que o Exu é o diabo é muito antigo. Isso que foi pregado a tanto tempo atrás tem que ser corrigido. Já passou da hora! As pessoas têm que vir

realmente conhecer o que é a religião para falar. Dizer que a religião da Umbanda, do Candomblé é coisa do diabo já está ultrapassado, ta na hora.

EM: Você já sofreu algum tipo de discriminação ou intolerância quanto à sua opção religiosa?

AA: Com meus 34 anos e meus 15 anos de religião, por incrível que pareça, eu ainda não sofri preconceito. Aos meus olhos ainda não sofri. Mas o Garnizé vira e mexe ele me conta alguns casos. Logicamente, se eu for arriar agora um trabalho ali na encruzilhada às quatro horas da tarde, você pode ter certeza que eu vou sofrer preconceito. Você entendeu? Mas se for preciso, eu vou lá arriar, pode ter certeza. Eu não to nem aí. Eu vou lá e faço meu trabalho. Mas sofrer “Ô macumbeira!”, “Ô feiticeira!”, nunca ouvi isso não. Nunca ouvi. Mas a minha avó já sofreu, as minhas tias já sofreram, mas eu não.

EM: Qual a melhor forma de combater esse tipo de desrespeito? Se acontecesse com você, qual seria a sua possível reação?

AA: Eu acho que tudo tem que ser realmente através da divulgação da religião. Eu sei que falta muito ainda, mas acho que está caminhando. Hoje você vê que as religiões, dentro das manifestações que existem, está o pessoal da Umbanda, do Candomblé, do Catolicismo, dos crentes, os poucos que ainda têm respeito à nossa religião. No Rio de Janeiro, na Bahia, sempre se discute a paz mundial, estão todas as religiões lá reunidas. Eu acho que tem que ter mais divulgação mesmo, mais abertura de espaços para a gente. Aqui na universidade, por exemplo, encontramos um pouco de resistência. Nós questionamos “Tem outras religiões aqui dentro, por que não podemos?”, aí o pró-reitor cedeu, mas não quis que a casa fosse direcionada só para a prática da religião, mas que fosse também um lugar de pesquisa. Então, eu acho que a gente está caminhando. A gente pode caminhar muito mais. Então eu acho que a parte de divulgar mais, da gente poder fazer um cortejo para Ogum na cidade, para a gente poder fazer um dia um cortejo para Oxossi, não apenas de Santa Rita de Cássia, não apenas de São Judas Tadeu, os santos católicos, mas ter esse espaço para quebrar isso dentro desta cidade.

EM: O que de mais importante você aprendeu durante este tempo de culto à Umbanda?

AA: O grande aprendizado da Umbanda foi esse mesmo de estar falando em público, coisa que eu tinha muita resistência, de poder ir ali na frente e fazer meu agrado aos meus Orixás,

não estar agradando quem está ali sentado, olhando; de falar. A Umbanda me trouxe pra esse mundo aqui, ó. E esse mundo que estou aí lutando para que – eu não tenho filho ainda – os meus sobrinhos, ou meus filhos, no futuro, possam fazer um cortejo a Ogum, a Oxossi, a Oxum, sem ninguém está olhando torto, sem ninguém está falando mal. A Umbanda que me dá essa força, a Umbanda que eu falo é os Orixás, a Umbanda que levou a ter a abertura aqui, da mente, contra os preconceitos e a poder estar lutando com o pessoal pra estar quebrando isso. Então, se não fosse a Umbanda, eu acho que estaria que nem uma árvore, parada. A partir do momento que eu abro aquela porta e entro aqui, eu sei que estou me movimentando, estou fazendo movimento negro aqui dentro, movimento negro, não deixa de ser um movimento negro.

EM: Por fim, defina Umbanda? O que é Umbanda para você?

AA: Tudo. Umbanda pra mim é, como eu te falei, foi o que me trouxe conhecimento, foi o que me trouxe a sabedoria, me deu o pouco que eu sei a respeito dos Orixás. A Umbanda é uma fortaleza pra mim. A Umbanda é tudo na minha vida. Como o pessoal do Candomblé fala “O Candomblé é tudo pra mim”, a Umbanda também, pra mim, é tudo.

ANEXO 4 – ENTREVISTA 4 – José Antônio Inácio. 49 anos, umbandista desde 1974, residente em Viçosa/MG e membro do Terreiro de Umbanda João Boiadeiro há 37 anos. Dia 01/09/2010. Casa do entrevistado.

EM: Como, quando e por que se aproximou da Umbanda?

JA: Antes eu freqüentava. Procurei assistir os trabalhos, acompanhava, mas nunca mexia. Depois eu entrei pro desenvolvimento e sai do terreiro. Eu via que não estava incorporando nada aí eu sai. Até que um compadre meu chegou e falou, “eu vou trazer pra você os guias”. Aí eu falei “Traz não, num terreiro grande não trouxeram, como é que você vai trazer?”. Ele insistiu, então falei “Ta, você quer tentar então não custa”. Ele falou que eu ascendesse uma vela para meu anjo de guarda e tomasse os banhos de asseio e um banho de descarrego. Coloquei a roupa branca e fui. Aí, o que é que aconteceu? Veio todo mundo, veio os guias todinhos numa noite só. Nunca aprendi nada com pai-de-santo. Os próprios guias que vêm, olham as pessoas, as giras, passa aquilo que tem que ser feito e a gente faz.

EM: E sua família, o que pensa? Participa?

JA: Todos trabalham, só dois irmãos que não trabalham. Nunca criticaram. A gente lida com isso já tem 36 anos, portanto... Eu fui operado duas vezes de estômago. O guia pegou assim, sentado e falou assim “Ó, o meu aparelho está com o estômago do tamanho de um balão e tem que voltar no homem da casaca branca pra poder abrir de novo, se não ele vai morrer”. Aí eu fui ao médico.

EM: O guia estava incorporado em você, conversou com outra pessoa e esta pessoa lhe contou?

JA: É. Do mesmo jeito que o guia falou, o médico chegou na beira do leito e falou, a mesma coisa.

EM: E qual era a doença?

JA: Estreitamento duodenal. Porque eu tinha feito operação de úlcera. Depois, tive que operar do estreitamento.

EM: O que você mais gosta neste lugar? O que te mantém aqui?

JA: É que é muita energia positiva, amor demais às pessoas, àquilo que a gente faz. É isso.

EM: O que mudou depois disso?

JA: Mudou muito. A gente, antes, não tinha paz. Agente não tinha paz. Eram problemas, doenças na família e, graças a Deus, está tudo beleza, tudo beleza.

EM: Qual foi a sua sensação ao pisar em um terreiro pela primeira vez?

JA: Eu vi uma energia muito ruim.

EM: Foi aqui em Viçosa mesmo?

JA: Foi no Silvestre. Comecei a pegar corrente negativa no meio de rua, saí correndo. Aí, quando eu assustava tava dentro do terreiro. Agora, graças a Deus, isso acabou. Não tem mais isso.

EM: Como o senhor se relaciona com pessoas de outras religiões?

JA: Normal. Eu conheço um pessoal que é da igreja Assembléia de Deus. Tem uma prima minha também que é da Assembléia. Uma ex-cunhada minha é evangélica. Mas não tenho nada contra não.

EM: O senhor já sofreu algum tipo de preconceito?

JA: Eu não tenho preconceito. Teve uma pessoa, mas isso aí tem muitos anos.

EM: O senhor não quer me contar?

JA: Eu tenho pena, eu tenho é pena. As pessoas tem um preconceito da Umbanda, do evangélico, pessoal da assembléia de Deus. Eu tenho pena desse povo, porque eles não sabem o que é que eles falam. Eles não têm conhecimento do espiritismo. A nossa chave maior é o espiritismo. Se eu estou aqui me movimentando, falando, é movido por espírito. Como é que uma pessoa sem espírito vai se mover. Não tem como.

EM: E esse caso você não quer contar?

JA: Isso é caso passado, o nome dele é Zé Luís, é um ex-patrão meu, a gente trabalhou tem muitos anos. Então, ele pegou e falou, “Ah, larga isso pra lá, sô. Isso daí é coisa do diabo”. Eu falei, “Ah, se você não acredita, deixa pelo menos eu. Você cuida da sua vida católica, que nem disso você cuida, que eu vou cuida do meu espiritismo”. Aí eu cortei. Cortei, acabou. Foi a única pessoa. Em plena praça pública, se tiver sentado ali, se alguém chegar perto de mim e falar assim “Macumbeiro!”, eu falo não. Eu não sou macumbeiro, eu sou umbandista, umbandista. Macumba é flauta de bambu que os negros escravos, antigamente, traziam. Vinham com os navios carregados de flauta de bambu pra vender no país. Aí eles pegavam e falavam, “Os macumbeiros vem lá”. Por causa de que? Porque eles vinham trazendo flauta de bambu da África pra cá pra poder vender no país. Tem muita gente que confunde macumba com feitiço. Feiticeiro sim, feiticeiro sim, macumbeiro? Não. Macumbeiro é quem fabrica flauta de bambu e é isso aí.

EM: O que acha de atribuir as religiões afro-brasileiras à imagem do diabo?

JA: O diabo é uma coisa separada do nosso mistério. Já pensou se Deus soltasse o diabo? O que é que ia acontecer nesse mundo? Exu é amigo, Exu é companheiro, Exu protege a Terra. Protege a mim, a você, aos católicos, aos evangélicos. Depois que a gente morre, não precisa você pensar que o pastor vai sair daqui direto pro céu, ao encontro de Deus. É ruim, hein? É

ruim disso acontecer. Porque todos nós somos pecadores. Você pode estar com a Bíblia na mão ali, mas se você não procurar fazer o que está mandando dentro da escritura, tem força não. Nós morremos, aliás, nascemos, morremos e reencarnamos de novo. Isso vai ser por muitos e muitos longos séculos. Morri, a anos e anos atrás, nem sei há quanto tempo, hoje eu estou aqui de novo. Por quê? Eles falam, “ah, ta pagando os pecados”. Não, to pagando pecado não. É através do sofrimento que conseguimos chegar até onde está Deus e Jesus.

EM: Quantas pessoas moram aqui, com você?

JA: é muita gente.

EM: Você mora com os filhos? Como que é a relação de parentesco aqui?

JA: Eu tenho um apartamentozinho aqui em cima. Sou separado e tenho dois filhos, graças a Deus, todos bons. E é assim. Eu to pra sair daí. Aqui embaixo, mora a minha mãe, uma irmã e outra irmã com a família dela.

EM: O que de mais importante você aprendeu durante este tempo de culto à Umbanda?

JA: Muita coisa. Eu não lido somente na frente da mesa. Eu faço muitas orações, estudo... Eu procuro aprender porque desenvolvimento não é só incorporar guias ou entidades. A gente tem que procurar aprender, aprender, aprender e aprender sempre. Você não tá estudando? Não continuar estudando? Então...

EM: Com quais entidades você trabalha?

JA: Com João Boiadeiro, João Baiano e tem o Erê, tem o Caboclo, o Preto Velho e o Exu, Exu Marabô.

EM: O que é Umbanda pra você?

JA: Ah, Umbanda pra mim é amor, Umbanda pra mim é caridade, pra mim Umbanda é tudo.

ANEXO 5 – ENTREVISTA 5 – Maria do Carmo Inácio, 66 anos, umbandista desde 1975 em Viçosa/MG e membro do Terreiro de Umbanda João Boiadeiro. Dia 08/10/2010. Casa da entrevistada.

“A gente tem o catolicismo como fosse a Umbanda mesmo. Só que cada um pratica uma coisa diferente. Mas a gente é católico também. A gente, casou, batizou, tudo na Igreja. Por que não?”

EM: Como, quando e por que se aproximou da Umbanda?

MC: Eu não fui em centro de ninguém. Meus meninos receberam entidade tudo em casa. Eu não gostava, não aceitava, mas eu vi que tinha que aceitar. Eu não busquei isso na parte de ninguém, veio na minha casa. Aqui ninguém teve que desenvolver no terreiro de ninguém, não. Foi aquilo que veio mesmo pra gente. Aí eu comecei ajudando e tudo, hoje não, hoje eu trabalho também, há mais de 20 anos trabalho.

EM: A senhora incorpora entidades também?

MC: Incorporo.

EM: A senhora tem quantos filhos?

MC: Tenho seis, eram seis. Vai fazer três anos agora que um morreu.

EM: Todos são da Umbanda?

MC: Todos. Quer dizer, tem uma que não. Tem uma que não gosta muito não. Ela vem quando precisa, mas ela não é muito de freqüentar. Mas ela confia.

EM: Quando que a senhora viu que tinha que confiar nessa religião dos seus filhos?

MC: Eu tive que aceitar porque ele recebia as entidade dentro de casa. Eu não sabia nem mexer. Foi eles trabalhar que eu comecei a infiltrar junto ali, porque tinha que ajudar.

EM: Qual foi a sua sensação na primeira vez que viu os seus filhos incorporarem?

MC: Eu assustava demais. Eu cheguei até a me enfiar num basculante e sair do outro lado. Larguei eles sozinhos aqui. Depois eu vi que a coisa não era tanto. É muita responsabilidade porque na hora que você trabalha na Umbanda não é para fazer maldade pra ninguém. Quando chega uma pessoa precisando, a gente pode estar dormindo na cama, tem obrigação de levantar e atender. Tem pessoas até que a gente faz e depois não dá nem um bom dia nem um boa tarde, não é isso que a gente quer. A gente quer que a pessoa esteja bem. Porque o espiritismo na Umbanda, quando a gente está fazendo por caridade, a gente não pode nem

preocupar em receber nada em troca, entendeu? Está em paz, ficou bem, a gente agradece a Deus por ter conseguido. Nós já mexemos muito com gente doido, perturbado – não é um, é muitos – hoje está tudo bem. Às vezes a gente não tem condição de fazer pra gente, o corpo da gente participa para outras pessoas. Isso é uma missão que a gente tem.

EM: O que mudou depois que se integrou à Umbanda?

MC: A gente vivia muito cheio de problema, saúde. O que mudou pra gente foi que, graças a Deus, esse menino aí [Seu Antônio] teve problema de infarto, teve quase morto, médico falou que ele não ia ter jeito, ficou três dias em coma, no hospital, com a força de Deus e de todas as entidades, ele está bom aí. Ta tudo bem. A gente vive bem. Problema todo mundo tem, espiritismo não é pra poder te dar dinheiro, te dar beleza e ser mais do que ninguém. Pelo contrário, a gente tem que ter mais limite. A humildade que ajuda a gente a caminhar. Nós estamos bem, graças a Deus. Quando meu marido morreu eu não mexia ainda com espiritismo, talvez se eu trabalhasse com espiritismo, como hoje, a gente já ajudou tanta gente, talvez ele tava aí. Mas nessa época eu não acreditava nessas coisas.

EM: Como você se relaciona com pessoas de outras religiões? Você já sofreu algum tipo de discriminação ou intolerância quanto à sua opção religiosa?

MC: Preconceito a gente tem mesmo. Hoje, se tem, eu nem sei. Mas, no início, foi muito difícil. Eu não falo de religião de ninguém, religião não salva ninguém, o que salva a gente é o coração. É o coração, é a humildade com Deus. Se não... Religião não salva ninguém. A religião é um caminho que a gente tem que seguir pra sempre estar em contato com a palavra de Deus. Mas o que resolve mesmo é o coração da pessoa.

EM: O que você pensa a respeito da associação que se faz entre as religiões afro-brasileiras e o diabo?

MC: Eu acredito que eles possam falar porque eles não entende. O espiritismo é uma coisa que vem do além. Nós tudo vamos ser um espírito. Nós, no dia que for, vai ter que ter um caminho pra nós: ou nós vira espírito, ou Deus vai dar um caminho pra ficar quieto pra lá. Nós somos pessoas que tem que novamente voltar. Ninguém acredita nisso, mas nós vamos, de acordo com o que nós fizer, nós vai ter que voltar nessa terra de novo. Nós tudo vem. Eu já fui, você já pode ter tido o mesmo caminho. Porque tem a outra vida e outra vida nós não sabe

qual é. É nós mesmo, que fica na Terra, fazendo maldade, maltratando os outros, quer ser mais do que o outro. Nós não somos nada. Se nós pensarmos bem, nós somos uma pessoa só, foi assim que Deus fez a Terra. Ele é um espírito hoje que olha por todos nós. Ai de nós se não tiver Ele, né? Quando a gente trabalha com espiritismo a gente não pode fazer maldade. Isso existe demais! Eu não acho que ta certo, mas também não falo que ta errado. Cada um faz aquilo que acha melhor.

EM: Você se lembra de algum caso de desrespeito à sua religião?

MC: Não, até que não. Às vezes não falam com a gente. Mas eu não olho isso não, porque, como se diz, Jesus Cristo foi muito humilhado na Terra também. Ele teve nome de macumbeiro, tudo isso ele teve, nem por isso ele revidou a ninguém. Então, eu não ligo pra esse negócio aí não. Pra mim, como se diz, qualquer ser humano pra mim é bom, seja a pessoa que for. Só que tem uma coisa, pra entrar tem que ter respeito. Se não tiver respeito, não entra, não. Já mando dali pra fora. Aqui é o lugar que a gente tem, que a gente depende para pedir muito a Deus, porque tem que ter muita confiança em Deus e Deus é, como se diz, se você tem fé com ele e faz a obra dele direitinho, você pode aguardar que você vai ter sempre. É isso que a gente quer. Mas não desfaço de religião de ninguém. Se vier aqui na minha porta crente, como vem, chamo pra entrar, escuto o que eles estão falando. Eu só não vou misturar. Mas eu acho que todo mundo ta certo. Tem que procurar um caminho.

EM: O que de mais importante você aprendeu durante este tempo de culto à Umbanda?

MC: Muita coisa, muita coisa... Eu era muito revoltada. Se uma pessoa falasse qualquer coisa de mim e eu soubesse, eu ia até ela, eu ia botar as coisas em prato limpo. Se fosse um caso de eu brigar também, eu brigava. De lá pra cá. Hoje eu não olho o que os outros falam de mim. Quem me tratar bem eu trato, se não quiser tratar eu não me importo. Hoje eu sei ensinar aos meus familiares, meninos menores, que é neto, que a pessoa não procura confusão. Se estão procurando, pondo a mão, deixa pra lá. Hoje eu tenho humildade. Eu sou honesta, neste caso aí eu sou humilde. Não gosto de confusão com ninguém, não gosto de entrar em briga com ninguém, se uma pessoa falar de alguém comigo e eu puder sair fora eu saio, se não puder, eu vou escutar, mas sem dar palpite.

EM: O que é Umbanda pra você?

MC: A Umbanda é uma coisa que é caridade. Muitas pessoas, às vezes, não conhecem, fala mal. Mas é o caminho de Deus. No sistema que a gente toca aqui, é. O caminho de Deus. É como outra religião qualquer. Às vezes, a gente até tem mais jeito de conviver na Umbanda, do que muitas pessoas tem, às vezes, o deles lá e não é. Aqui agente não pode falar mal de ninguém, a gente não pode maltratar ninguém. Aqui, se chegar sujo, a gente recebe a mesma coisa. Se chegar um outro grandão, como vem muito, a gente trata também do mesmo jeito. Aqui não tem um maior e outro menor não. Porque pra Deus ninguém é mais do que ninguém. A Umbanda é um caminho sim, mas ele é difícil. É difícil pra viver nela. Se a pessoa não tiver fé em Deus e confiar, não vai pra frente. Muita gente larga por isso, porque o sistema é diferente.

EM: Os Orixás cobram?

MC: Cobram. E a cobrança é feia. Com a gente ainda é mais, porque a gente entende. Então a gente tem que tratar direitinho do jeito que é o jeito de tratar eles. Por quê? Eu vou ficar triste porque eu não tenho nada, não tenho um terreiro bonito? Na minha casa, não tem riqueza, não tem nada. Tem a misericórdia de Deus, que é o mais importante. Nós temos saúde, temos amor um ao outro. Se tiver uma comida pra comer, que aqui acontece muito, vem pessoas de roça, de longe. Às vezes, a gente fez aquela comida ali, é pra gente, o normal da gente e bota comida pra todo mundo e ainda sobra comida ali. Não sei como, mas tem. Tem. Porque a gente tem que ter coração. Nós não vale nada, o mundo está muito cheio de problema, o pessoal um tirando a vida do outro por pouca coisa... Isso é falta de Deus, de compreensão. Nós temos a outra vida pra nós ainda. Então, nós tem que fazer certo. Pra nós ser bem aceito quando chegar lá, né? Eu vou falar que eu vou estar bem na hora que eu morrer? Não, eu tenho pecado, ué. Já fiz pecado, já tive raiva, revolta dos outros, hoje eu não sou assim. Umbanda é caminho pra aquele que quer aceitar, saber fazer. Aqui a gente com pessoas, minha filha, que mexe com droga, com gente que bebe, pessoas doidas. Ficou uma mulher aqui, três dias aqui, nós trabalhamos pra ela. Doida, doida, doida. Hoje, pode ir lá na casa dela, hoje ela é uma pessoa normal, faz as obrigações dela, não tem mais loucura, está cuidando dos filhos dela. Eu acho que isso aí não é coisa de diabo, não. Só pode ser de Deus. Eles falam que o diabo faz caridade, ele não faz caridade pra ninguém, não. Não faz, se largar, ele não faz.

EM: Dentro dessa cultura de Umbanda, de tambor, sabendo que essa religião tem muito dos africanos que vieram para o Brasil, a senhora se sente negra?

MC: Eu sou negra sim, eu sou negra. Era um povo que sofreu muito, esse povo africano, sofre ainda no Brasil. Mas são pessoas que estão vivendo, com tudo que eles sofrem, ele ainda têm força pra viver. Nós temos a cor é na pele, mas o sangue é igual, de todos nós. Tudo misturado. E Deus deixou nós pra ser unido, amar os nossos irmãos. Mesmo que eles não queiram, mas agente ama assim mesmo. A gente rega todo mundo. Eu sou assim, nas minhas orações, eu não peço só pra mim. Peço pra minha família, pra todo o povo, pra famílias que estão vivendo, pelos espíritos. Eu peço muito a Deus, “Olha por eles”. Deus é o caminho, a verdade e a vida. E para ir até Ele, até o pai, tem que passar por Ele.

ANEXO 6 – ENTREVISTA 6 – Paulo Roberto do Nascimento, 43 anos, umbandista desde 1980 em Viçosa/MG e pai-de-santo do Centro Espírita João Boiadeiro da Bahia. Dia 08/10/2010. Casa da entrevistada.

PR: Esse aqui é o terreiro mãe, um dos maiores, tem trinta anos que eu to aqui. Sou feliz, eu tenho minha equipe. Dentro de Viçosa inteira, o único terreiro que sobrou é só o meu, ta? Tem trinta anos que eu estou e aqui é casa de caridade. Eu não tenho fins lucrativos, eu não ganho pra isso. Você tem, é atendido. Não tem, é atendido do mesmo jeito. Aqui, fia, não tem fins lucrativos. Aqui é dia e noite, não tem dia e nem hora pra ser atendida. E, você veio uma vez, todo dia toda hora tá aqui. Porque as entidades são espíritos que vêm do outro lado, que vem trazer alegria à pessoa que se encontra triste, eles procura tentar arrancar sorriso de você, os guias são alegres, é ou não é Mariinha? Os guias pega sorriso de você. Você ta triste, ta aborrecida, com algum problema, eles vem fazer sorrir, eles vem te dar palavras amigas. Eles conversam, dialogam com você pra você entender e sair daqui alegre e satisfeito. Esse que é meu lema, esse que é meu tema, isso é minha felicidade e to aqui trinta anos. Só nesse bairro aqui tinha seis terreiros, todos fecharam, fiquei sozinho. Eu sofri, eu passo uma vida que não é fácil. Fizeram um abaixo-assinado pra fechar isso aqui, não conseguiram fechar. E sou assim. Aos três anos de idade, já entendia do “santo”. Eu via. Vivo como é o dia. Fui franciscano até os 16 anos, fui padre franciscano, criado em colégio de padre. Até compreender o meu caminho, minha vida, o que tava marcado pra mim. Sou feliz até hoje! Eu tenho tudo na minha simplicidade. Não tenho casa fixa, mas isso aqui é meu. Eu posso construir uma

casinha pra mim aqui em cima, mas eu sou pobre, eu não vou tirar dinheiro dos outros pra comprar material, pra mim alugar casa. Eu trabalho na lei do espiritismo, não a lei da ordem de Jesus. Trabalho na lei do espiritismo. Não pode enriquecer através dos outros. Você tem? Atende. Não tem? Atende do mesmo jeito. Aqui, todo dia, ninguém tem. Eu atendo 24h, eu subo aqui, eu sento nesse banco aqui ao meio-dia em ponto, meio-dia e meio. Saio daqui meia-noite, quatro horas da madrugada... É dia e noite que eu fico aqui. Ainda mais que hoje é sexta-feira. To descendo agora pra tomar um banho, comer alguma coisa e voltar oito horas. Eu saio daqui quatro, cinco horas da manhã.

EM: O que são esses símbolos pintados no chão?

PR: Esses símbolos são os pontos de força, de poder. A gente tem dia de descarrego. Uma força que a gente faz. Tá com uma doença, uma doença assim, incurável, a gente coloca você no meio daquela estrela ali e faz um trabalho em volta de você. Com velas, pra descarregar, queimando aquele problema que você tem, queimando. Você joga no fogo o que você não quer. Você não quer maldade, você não quer essa doença, você não quer essa dor, você não quer aquilo. Então a gente queima aquilo ali. Se veio com fé, se procurou nós, se veio com fé, pra livrar daquela dor, daquele problema. Então, a gente coloca ali na roda pra fazer um trabalho pra você. Essa roda é um símbolo, é a força do terreiro! Sem a roda o terreiro não é nada. Todos os terreiros têm que ter a força. Que é através dele, embaixo dele tá o fundamento, o fundamento da Umbanda.

EM: Como, quando e por que se aproximou da Umbanda?

PR: Eu sofria demais. Aos três anos de idade eu perdi minha mãe. Não soube o que é família, não soube o que é vida. Rua, marquise, cobrindo com jornal ou papelão, sofrendo humilhado. De manhã, eu vendia bala nos ônibus e chup-chup pra poder vencer e comprar um pão com salame pra matar minha fome. E fui vivendo, fui levando. Até um dia, eu estudando pra padre, fui criado em colégio de padre, que um bispo colocou a mão na minha cabeça. Eu não senti nada. Escureceu, apagou tudo. Tudo, tudo escureceu pra mim. Quando eu acordei e dei por mim, o bispo Dom Adriano, da diocese de Nova Iguaçu, do Rio de Janeiro, disse “Você recebeu uma entidade cowboy, boiadeiro” entendeu? “você continua sendo franciscano, mas usa seus dons para fazer o bem e nunca o mal”. E assim eu sigo até hoje. E sou feliz. Tem muitas coisas que eu não sei explicar e tem muitas pessoas que cruzaram meu caminho

precisando da minha ajuda e eu ajudei. Né Luciana? Essa aqui é filha dela. Essa menina aqui, era pra ta sem as perna, não foi, Maria? Cheguei com tudo, cuidei. Quem cura é Deus.

Maria: Não cicatrizava de jeito nenhum.

PR: Não cicatrizava, tinha que amputar a perna.

M: A perna até encolheu.

PR: No dia que ela me conheceu eu falei “não vou deixar mesmo, pros médico não vai, eu vou cuidar. Depois, se vê que eu não dei certo, vai pros médico”. Hoje ela anda pra lá e pra cá, tranqüilo. Né, Luciana? Luciana é filha dela, que assistiu, que cuidava dessa aí, tá? Então eu coloco assim: a minha Umbanda, o meu trabalho, como prestativo para a humanidade. A simplicidade simplória. O que eu ganho com isso? O que eu ganho com isso? A confiança, a fé, a consideração. Pra mim, é o meu maior orgulho. Dinheiro? Não me compra. Dinheiro não me faz. Se você tem, você é atendido. Se não tem, é atendido do mesmo jeito. O que eu gosto de fazer é ver pessoa sorrir e brincar. Sou feliz. Por quê? Eu não era feliz, eu dormia na rua, não tinha ninguém. Hoje eu tenho Deus, tenho mães e mais mães. Eu tenho irmãs e mais irmãs. A senhora Augusta tá aqui, que eu adoro que eu amo. De coração, né, Maria? No dia que eu perder essa aí, fia, eu perdi meu domingo. Já perdi uma avó, que adorava tanto, mas não tanto. Eu gostava tanto, adorava, eu amava, mas eu perder ela, até que eu aceito, mas essa aí, perder essa aqui eu não aceito. Se eu perder ela, se ela tiver que sair de um mundo pro outro eu prefiro eu também ir, que sem essa aqui não fico. Que brincado, brincando, Mariinha, trinta ano tá comigo né? Ou mais, né Luciana? Trinta anos tá comigo, confia, tem a fé.

M: Graças a Deus! Tenho fé.

EM: Vocês moram juntos?

PR: Não, ela mora em São Miguel do Anta.

M: Eu moro em São Miguel. Mas eu saio de São Miguel do Anta pra vim, ajudar ele a trabalhar. Eu trabalho junto com ele.

EM: A senhora tem alguma ligação religiosa com a Umbanda em São Miguel do Anta?

M: Não.

PR: Ela é minha.

EM: Com que frequência a senhora vem aqui?

M: Toda sexta-feira, de oito em oito dias.

PR: Toda sexta-feira ela tá aqui, durante trinta anos. Nós somos Católicos Apostólicos e Espíritas. Nós cremos no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Pode olhar a minha mesa, pode reparar... Quais as imagens que você vê na minha mesa? Posso lhe apresentar um por um: na Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida, na nossa Umbanda Oxum; Santa Bárbara para nós é Iansã; Nossa Senhora da Conceição para nós é Iemanjá...

EM: Existem mais representações, não?

PR: Tem várias representações porque nós seguimos a linha dos escravos. Os brancos não aceitavam a língua dos pretos. Então pra professar na frente dos brancos eles tinham que trocar o nome dos santos. Por isso, ficou assim, entendeu?

EM: Como você se mantém financeiramente?

PR: Me mantenho com donativos. Vem. Às vezes vem um cliente precisando resolver algum problema, não tem um dinheirinho, mas me traz um punhadinho de arroz, um punhadinho de feijão, uma dúzia de ovos. Assim vou me mantendo, vivendo. Assim que é a minha vida. Não tenho lucro, não sou rico, nada. Eu to aqui para o povo.

EM: O que mudou depois que se integrou à Umbanda?

PR: Tudo. Tudo. Eu vivo, eu tenho alegria, eu tenho prazer, não adoço, nunca precisei tomar um comprimido pra nada, tá? Eu não tenho uma dor, não sinto nada, né Mariinha? Eu... Não sei explicar o que é que eu sinto. Nunca tomei um remédio. A minha tristeza é no dia que não tem ninguém pra atender, o dia que eu não posso subir. Mas não teve um dia que eu não posso subir aqui. Todo dia eu subo. Trabalho, to satisfeito. Quando eu to com o sangue incorporado eu nem vivo, fico dias e dias sem comer e sem dormir. Eu consigo. Não me sinto mal com isso. Não fumo e não bebo, mas as entidade bebe até demais, fuma até demais e eu fico intacto, né Maria? Trabalhei hoje o dia inteiro. Pode ver aqui, um dos litros [de cachaça] hoje foi embora. Aqui no corredor tem dois litros vazios, com esse aqui, 2 litros e meio.

EM: E você não se sente embriagado?

PR: Não pode. Se você tiver com uma entidade incorporada, a entidade vem, bebe o álcool dela e tem que levar tudo, é obrigada a levar tudo. Eu sou catulado, raspado, pintado, feito no santo. Eu tenho a feitura. Então, eu não corro o risco de botar o santo na cabeça, o guia beber

e eu ficar embriagado com isso. Isso não me ocorre porque eu não sou viciado, não bebo. Então, você entrega a vida ao santo. Eu trabalhei hoje o dia inteiro.

EM: Você então é pai-de-santo?

PR: Sou há trinta anos. Já sou Babalorixá, né? Babalorixá é quando você já é avô-de-santo, você tem filho que já é dono de terreiro. Quando nós somos feitos pais-de-santo, no candomblé, fala Babalaô, entendeu? Então, eu tenho toda formação dos meus filhos, acompanhando todos eles. Ai, tem muita pergunta ainda?

EM: Tem um pouco [sorrisos].

EM: Você disse que já teve um abaixo-assinado aqui, tentaram fechar o terreiro?

PR: Tentaram fechar. Logo que eu cheguei do Rio pra cá, tentaram. Tentaram, mas não teve uma assinatura. Inclusive a pessoa que estava conversando ali na porta agorinha mesmo, que desceu, que é evangélica, tinha uma igreja aqui pertinho, tentou me prejudicar, acabou que foi prejudicada. Hoje, somos amigos, eu cuido do filho dela, que quase que morreu por várias vezes, eu cuido. Ela me respeita e eu respeito ela.

EM: O que você pensa a respeito da associação que se faz entre as religiões afro-brasileiras e o diabo?

PR: São desiguais a todos. O diabo não existe. O diabo é a própria pessoa, o ser humano. Se você está num terreiro, num centro espírita e você pede o mal, o diabo faz o mal. Depende da entidade que você conversa. O guia, o santo que vai incorporar, que você vai pedir. Depende do guia. Nem tanto do guia não depende, depende do médium... Vacilado, que faz de conta que tá com o guia na cabeça pra poder mostrar bonito. “Eu como vidro, eu piso em vidro, eu como fogo”, isso é palhaçada. O guia tem que saber que ele tá usando a carne humana, mesmo se ele comer um vidro, mastigar vidro, ele tem que saber que o corpo não é dele, o corpo é humano. Se ele mastigar um vidro, vai ofender a carne humana, entendeu? Isso é palhaçada, é humilhação para com os cavalos, os médiuns, os guias que se incorporam. Agora eu peço licença que eu quero pitar. Eu preciso.

EM: Fica à vontade.

PR: É porque chegou uma entidade aqui agora, tá fazendo pesquisa e eles quer escutar, entendeu? Sem eles não tem permissão. Você me pegou, eu tava saindo. Mas como sempre na

porteira fica vigia, eles te deram a licença de entrar e pesquisar. Eles estão achando bonita a pesquisa e é verdade. Tá gravando tudo?

EM: Somente o áudio.

PR: Mas isso vai pra onde?

EM: Vai pra mim. Ninguém além dos envolvidos na pré-produção vai ouvir isso. Eu vou ouvir isso e decupar exatamente o que você disse.

PR: Tomara que você esteja falando a verdade, porque muitas vezes nós espíritas, que trabalhamos na verdade, que suamos, sacrificamos, nós trabalhamos para fazer o bem para as pessoas enquanto tem muitos que não têm informação, nem entende não espiritual, dá uma de macumbeiro, dá uima de espírito, de fazer, isso, isso e isso e só atrapalhar a vida dos outros. Acaba atrapalhando aquelas pessoas que realmente precisa trabalhar e sabe trabalhar, entendeu? Igual pessoas que faz propaganda “Joga-se tarô”, “Joga-se búzios”, “Traz-se namorado em 24h”, isso é palhaçada e bobagem. Não pode fazer propaganda, não pode ser, é proibido. O bom guia, que sabe trabalhar, ele escondido no cantinhos dele, ele é procurado por todos e por tudo. Não adianta você fazer propaganda. Isso é enganação. Os guias, os espíritos, não gostam.

EM: O que você sugere como solução para combater o desrespeito à sua religião?

PR: As religiões se unirem igual tem que se unir. Pouco a pouco vão se unindo. Tão se unindo. No final dos tempos, as religiões vão se unir. Todas.

EM: Você não considera esse lugar como um terreiro de Umbanda então?

PR: Chame do que quiser, eu sou de uma linha maluca. Eu quis fazer minha própria linha. Cada pai-de-santo faz seu próprio terreiro com a sua própria linha. Se você quer uma linha de um jeito, quer uma linha de outro jeito, você quer mudar isso, quer mudar aquilo. O exu não quer pensar, o exu que faz magia negra. Vamos supor assim, Zé Pilintra, o Lúcifer... Quer arrasar, quer matar e tal e tal. Então, depende do médium que for incorporar, aquele médium tem que doutrinar aquele espírito para fazer o que aquela pessoa quer e precisa. Menos mal e mais o bem. Essa que é minha linha, por isso que a gente fala que é a linha Molokô. Omolokô vem de uma linha maluca, que junta Umbanda, Candomblé, Quimbanda, Canjerê, Nagô... Junta tudo. Forma uma linha maluca. Falamos Molokô. O próprio médium que faz a cabeça do guia, vira o guia, entendeu? Agora, cada terreiro com seus manual. Quer fazer o mal, faz o mal. Mas faz o mal, quer receber alto preço. Como eu não tenho fins lucrativos não me

interessa fazer mal pra ninguém, matar ninguém, eu não tenho fins lucrativos pra mim. Se o médium for bom, vai saber comandar aquele guia do jeito que ele quer e virar os guias do mal para o bem. Isso aí existe. O guia que é mal ficar bonzinho. Existe. Depende do médium que o guia vai incorporar.

EM: Como vocês se conheceram?

PR: Aquela ali se aproximando de mim foi a coisa mais bonita do mundo, aquela ali. Na hora que ela mais precisava, sofria, com essa perna dela enrolada, enfaixada. Quase não andava. Sofria, né Maria? Eu cheguei do Rio por pouco. Quando eu conheci ela, cheguei, fui reabrir um terreiro cujo pai-de-santo tinha falecido. Eu reabri o terreiro, reabri. Tava fechado, eu cheguei pra reabrir. Só que quando eu conheci ela, eu conheci ela sofrendo, pobre e simples, humilde. A primeira coisa que eu cheguei a ver, foi ver ela sofrendo problema de saúde. A coisa que eu mais gosto de fazer é mexer com problema pesado. É zipla [erisipela], essas doença pesada, adoro mexer. Então eu peguei ela e não güentei “essa aí eu vou cuidar”.

M: Todo mundo dizia que não tinha cura.

PR: Ela não tinha cura. Então já tava com a perna pele e osso. Tirava a faixa, via osso. Pensei “Não, vou mostrar que eu tenho força” e fui ajudando, ajudando, ajudando.

M: Aí foi, até hoje, a multidão foi conhecendo também. Então...

EM: Você tem quantos anos, Luciana?

L: Eu?

EM: Sim.

L: 32.

EM: Você tinha dois anos então, quando isso tudo aconteceu?

PR: Mas ela viu o que é que eu fiz com a mãe dela.

L: Que você mexe com terreiro tem quanto anos, Paulinho? 30?

M: Ele, 30 e eu, tem mais de trinta. Na época eu já conhecia. Trabalhava com um fulano de tal Seu Emídio. No morro do Pintinho.

PR: Falecido.

M: Já faleceu, Seu Emídio.

L: Na época que Paulinho a conheceu, ela trabalhava com a esposa do seu Emídio. A viúva de Se Emídio.

M: Só que ela já tava arriando, não tava agüentando, não tava dando conta.

PR: Eu dava muita atenção pra ela. Foi amor à primeira vista.

M: Aí Deus mandou esse pai-de-santo. Ele chegou aqui ele era novinho. Tinha o quê? Uns dezenove anos. Eu com aquela perna daquele jeito. Ruim, mancando, toda enrolada.

PR: Aí, da primeira vez que eu cheguei nesse terreiro que eu bati os olhos, eu vi o que tava certo, o que tava errado e corrigi o tinha que corrigir. Eu vi aquela senhora sofrendo e todo dia ela tinha que trabalhar, pegando pesado, fazendo corrente... Eu não vi que tava certo. “Eu vou cuidar daquela senhora”, falei assim, “Aquela é minha”. Eu lustrei logo ela assim, “Aquela é minha”. Desde o dia que eu bati os olhos nela, “Aquela é minha”, “Eu vou cuidar dela”. A mãe-de-santo dela falou assim “Duvido que ele vai cuidar”. “Vou cuidar” e cuidei. Eu morei dentro do próprio terreiro de um cômodo, com um colchão fino, passando fome e frio, necessidade das coisa. Porque eu morava dentro do terreiro. Não tinha casa, não tinha onde morar. Fui cuidando. E toda vez que vinha um, trazia uma coisinha pra mim, uma coisinha de comer. Eles fazia comida e levava pra casa, pra mim. Eu sabia que eu tinha o dia de comer. Por quê? Cada dia da semana tinha um que vinha. Segunda vinha uma turma, trazia comida pra mim. Terça vinha outra. Quarta vinha, quinta vinha e sexta vinha. Fui vivendo e vivo até hoje. Assim que eles vive até hoje, manda comida pra mim até hoje.

EM: E não tira férias?

PR: Eu não tiro férias. Hoje eu comando quatro terreiros, sou respeitado... São Paulo; São Bento; Ponte Nova e Viçosa. Mas esse aqui é o terreiro mãe, é um dos maiores terreiro que tem aqui.

EM: Aqui, no Cantinho do Céu não tem nenhum outro?

PR: Não existe, só o meu, há trinta anos. Aqui tinha seis, fechou tudo, só ficou o meu.

EM: O que de mais importante você aprendeu durante este tempo de culto à Umbanda?

PR: Poder ajudar as pessoas, você poder sorrir, após tudo poder sorrir, ter alegria, ter retorno do que você faz ao seu próximo. Eu perdi minha mãe muito novo, com três anos de idade. Eu não tive vida até hoje. Hoje, o que eu faço pra esse pessoal eu faço, de coração. Eu não faço com má vontade, interessado em ganhar, em ter dinheiro. Eu faço o que eu gosto. Eu gosto de pegar doença pesada: zipla, sinusite, renite. Doença assim, pesada. Adoro mexer... Adoro mexer e não tem uma que eu não dou conta.

EM: O que é Umbanda pra você?

PR: É tudo: a minha vida, a minha vidência, a minha visão. Preta fala assim, que era cego. Hoje, no meu espiritismo, eu tenho a visão, eu enxergo o que as pessoas realmente passam e precisam. E quanto mais gente... Eu não tenho tempo, eu tenho tempo pra ajudar, pra proteger, até onde que eu posso. Aqui, é gente demais. Trinta e duas pessoas no dia. Dia de quinta-feira eu não dou conta, terça e quinta eu não dou conta, que é muita gente. Eu tenho que dividir as etapas. Aqui dentro eu tenho 250 médium que trabalha comigo, não me largam mesmo. Não me largam, não saem. A pessoa aqui é feliz. É feliz, é feliz. Né, Maria? Essa aqui é uma delas, não me larga nunca. Eu defino assim o espiritismo: uma vivência, amor a vida, uma visão, uma explicação, uma definição. Não discuto com outras religiões, cada religião fica na sua. Eu defino assim, que eu passei por várias. Então, essa que me definiu. Eu vejo nessa religião do espiritismo que eu tenho a visão, eu vejo que eu posso fazer muita coisa pra ajudar. Eu ajudo, mas quem cura é Deus, quem faz é Deus. Não é eu que faz, é Deus. Eu peço pra ele com muita fé para aquela pessoa que realmente merece, precisa. Pra você precisar, fia, você tem que ter fé. Se não tiver fé, não adianta, vai tudo em vão. Eu não faço milagre, eu não faço mágica, eu não esnobo, não faço propaganda, não falo mentira, não coloco papelzinho em jornal, não senhora. Todo mundo me acha. O pessoal mais longe que me procura: Alagoas, Maceió, Bahia, tudo aqui comigo. E tem muitos policiais aqui que me procura também, que eu trabalho. Simples e lógico. Atendo Viçosa e região. Também sou baiano. Você é de Ilhéus, eu sou de Santa Maria Eterna. Já morei ali também, pertinho de Vitória. Já morei em São Matheus. Eu sou viajado, já rodei: Argentina, Rio, São Paulo.

EM: Até chegar o momento em que o bispo pôs a mão em sua cabeça você nunca tinha se aproximado, nunca tinha ouvido falar sobre Umbanda. Qual foi a sua sensação na primeira vez que você pisou no terreiro?

PR: Eu fui como padre franciscano: de batina, cordão e tudo na primeira vez que eu pisei no terreiro. Eu fui fazer uma aplicação de injeção numa pessoa com diabetes. Nessa hora eu me senti mal, me senti esquisito, mudando. Ali mesmo já recebi santo, recebi o Boiadeiro ali. Arrancou a batina, arrancou o cordão, arrancou tudo. Ali mesmo, quando eu acordei, que eu fui saber o que tinha acontecido. Aí a mãe-de-santo do terreiro, eu não sabia o que era mãe-de-santo, o que era macumba, o que era nada. Quando fiquei sabendo eu estava em volta de muita gente, tinha trabalhado com o Boiadeiro e é onde que eu to até hoje com muito orgulho, com muita honra. Eu gosto. Eu vou, mas não largo meu “Saravá”. O Saravá, o espiritismo

verdadeiro, não o mentiroso, tá? Acabou comovendo um pouquinho, né? Cê saiu fora da sua pesquisa. Ela não tá anotando, não tá anotando.

EM: Você não tem vontade de um dia poder fazer um cortejo pros Orixás nas ruas?

PR: Eu tenho licença, eu tenho licença, eu tenho documento pra trabalhar em cemitério, encruzilhada, rua. A última festa que nós fizemos foi de Cosme e Damião, dia 7 de setembro, nós estivemos em Ponte Nova e trabalhamos na rua. Foi uma coisa muito bonita, temos retrato e tudo. Festa muito bonita. Um terreiro encontrando com o outro. Ogum com Iansã. A festa mais bonita que tem. A gente vai, a gente gosta, a gente adora. A gente vai ter uma festa agora, fazer uma feijoada pros pai velho. Se quiser, está convidada. Hoje você veio sozinha, mas eu sei que você tem equipe e que você gosta de Saravá também. Eu não to te tirando fora do seu trabalho não, eu sei que você gosta, tá?

ANEXO 7 – ENTREVISTA 7 – Ligiane Raquel de Oliveira Vitor, 22 anos, umbandista desde 2009 em Viçosa/MG e membro Casa de Referência à Cultura Afro-religiosa Ilê Aiyê de Oxossi há 1 ano e 4 meses. Dia 11/11/2010. Casa da entrevistada.

EM: Como quando e por que você se aproximou da Umbanda?

LR: Tipo assim, eu não saí direto da Igreja de crente e fui pra Umbanda, não. Eu fui na Igreja e fiquei muito tempo. Na igreja, na igreja um tempão.

EM: Que igreja?

LR: Igreja do Evangelho Quadrangular. Fiquei andando. Eu nunca fui na Igreja Católica, não. Você acredita? Depois que eu cresci, não. Depois que eu fui no terreiro a primeira vez que eu fui comentar com os meninos, que eu tinha medo, essas coisa assim. Aí eu resolvi ir, conheci e – meu maior medo era esse – e gostar. Eu tinha medo demais. Nossa! Aí eu gostei. Aí to até hoje, sabe?

EM: Tinha medo de quê? Por quê?

LR: Tinha medo porque eles falavam que era diabo, o Seu Sete. “Seu Sete é o diabo”, porque na igreja de crente. “SeteEncruzilhadas!”. Falavam do Seu Sete Encruzilhadas, de Exu, não sei o quê, não sei o quê, da Pomba Gira em depoimento assim.

EM: Declaradamente?

LR: Falava, falava. Eu ficava boba porque eles nunca tinham ido num terreiro e falava tão mal. Sabia o nome dos exu tudo. Nome de Exu que eu não sabia eles sabia, sabe? Aí eu ficava com medo deles. Aí eu lembro a primeira vez que eu fui fazer um trabalho, eu não conseguia nem olhar na cara de Seu Sete, lembro como se fosse hoje. Ele olhou pra mim assim, “pode olhar pra minha cara, moça. Eu não tenho chifre nem rabo, não”, sabe? Falando assim comigo. Aí depois daquilo eu voltei pra festa de Ogum, aí eu resolvi ficar. To lá até hoje.

EM: Como que era a sua vida antes? Você ficou grávida muito nova. Como que foi isso?

LR: Normal.

EM: Quando você ficou grávida você achou normal?

LR: Não, queria tirar.

EM: Você tinha quantos anos?

LR: Tinha 17. Tipo assim, eu engravidei com 17 e ganhei ela... Ela nasceu no dia 12 de outubro, eu tinha 17 e fiz 19 de outubro, entendeu? Fiz 18. Mas eu ia tirar, eu queria tirar, eu tomei tudo pra tirar, mas... Ah, tá gravando eu falar isso mas já era. Mas depois eu fui... Aí tomei um tanto de bosta, tomei um tanto de porcária, mas aí depois eu vi que não ia sair mesmo aí eu fiquei com ela. Mas eu me arrependo de ter tomado, boba. Nossa Senhora! Meu maior prazer é minha filha. Coisa mais preciosa, sabe? Tudo que eu penso, o meu viver é minha filha. Nossa Senhora! Tudo pra mim, sabe? Se eu tiver que dividir alguma coisa... No começo eu achei, eu falei assim “minha vida acabou”, porque, realmente, filho prende um pouco a gente, sim. Mas como eu já não saia muito mesmo... Aí ela foi e... Falei assim “minha vida acabou, não sei mais o quê”. Aí depois eu fui acostumando, acostumando, acostumando... Taí. Tá com quatro anos já. Graças a deus. O que é que você sente que mudou?

EM: Depois que você se aproximou da Umbanda, como que você avalia essa transformação?

LR: Não teve transformação não, sô! Como assim?

EM: O que mudou depois que se integrou à Umbanda?

LR: Eu sempre tive medo de... Sempre soube que eu era do santo, sempre soube, sempre... É igual eu to falando, eu tinha medo de ir e gostar, porque eu sempre tive medo. Eu sempre gostei dessas coisas, sabe? Sempre imaginei assim, sempre soube que eu era filha de Iemanjá. Nunca tinha entrado dentro de um terreiro. Nunca tinha ido num terreiro. Eu ia quando eu era pequeninha, com o pai, assim. Só pra comer. Festa de criança. Mas aí... Eu sempre soube que era filha de Iemanjá. Sempre dava em mim “Eu sou filha de Iemanjá”. Não sei por quê. Eles sempre falava pra mim “Filha de Iemanjá... Filha de iemanjá tem cabelo comprido, filha de Iemanjá tem cabelo comprido”. Aí eu “Não, não interessa, mas eu sou filha de Iemanjá, não sei por quê”.

EM: Quem falava isso?

LR: Todo mundo falava. Eu ia falar com alguém, aí falava assim. Até pouco tempo alguém me falou isso também. Não tem nada a ver. Porque, na verdade, se você vê a imagem africana não tem cabelo comprido, não tem nada disso. Não tem nada comprido. Aí, sei lá... eu sempre soube. Aí, eu sempre escutava muito alguém me chamando. Sempre. Eu acordava com alguém me chamando, sempre dormia com alguém me chamando. Sabe quando do nada você escuta “Raquel! Raquel!”. Minha cabeça doía muito também. Depois que eu fui pro terreiro acabou tudo isso, sabe? E também os conselho que você recebe, são maravilhoso, sabe? Cada coisa errada que eu fazia na minha vida e como minha vida melhorou agora. É assim, sei lá... Teve muita recompensa. Tem hora que você paga também por alguma coisa que você fez de errado, mas é muito gratificante você estar no terreiro, você conhecer os Orixá ali, sabe? É uma grandeza muito bonita, sei lá, é muito... Ah, não sei nem te explicar, sabe? É muito bonito, é muito... Eu não imaginava. Que bom, mas se eu soubesse que terreiro era isso que eu vejo agora, eu tava no terreiro desde que eu nasci. E eu vou falar igual um dia eu escutei Jaque falando, a primeira vez que Jaque falou, eu nunca esqueci “Eu quero morrer na Umbanda e se eu puder nascer na Umbanda. Se eu tiver oportunidade de voltar nesse mundo de hoje, eu quero voltar umbandista” de coração. E falo pra qualquer pessoa, quem seja, sabe? Sou umbandista de coração.

EM: E sua família, o que pensa? Participa?

LR: Minha mãe é meio evangélica, sabe? É evangélica, mas tem um tempão que ela não vai. Meu irmão também é, meu outro irmão é católico, meu outro, né? O outro meu irmão não faz nada na vida. Né católico, né nada. Não é bosta nenhuma. Minha família é normal, sabe?

Minha família é assim. Tem a família de minha mãe, a família da minha mãe nem mora aqui, mora em porto firme, já Ouviu Falar? Porto Firme? Então, eu nem vejo eles. Então eu nem falo, tem um tempasso que eu não vejo eles, então eu não falo nada. Não vejo mesmo eles. Aí... A família do meu pai, como sabe que meu pai é, que Lau é, então todo mundo sabe que eu sou também. Eu não escondo pra ninguém, não. Porque todo mundo na minha rua sabe quem que eu sou. Quem não sabe é porque é bobo, acha que eu sou umbandista... ah... Bato isso com ninguém, não.

EM: E no colégio?

LR: Falei. Que eu sou umbandista, eles fica com medo. Nó! A mesma coisa dos meus amigos. Os meus amigos, pras pessoas que eu gosto mesmo, de coração, eu fiquei com medo de contar no começo. Porque eu pensei, “eles vão ficar com raiva de mim, vão me chamar de macumbeira, não vão gostar de mim mais”. Os meus amigos verdadeiro mesmo, tipo assim, falou “Ô Raquel, você que escolhe, a religião é sua”. Aí eles fala “todo mundo sabe que isso não presta”, aí eu falei “Gente, to muito bem, to contente. Eu to contando pra vocês porque eu não quero fofoca, eu não quero que..”, tipo assim, meus amigo era tudo amigo um do outro. Então eu falava assim “ô gente, eu to contando porcê, mas você não fala com fulano, não. Deixa que eu quero chega e mesmo quero contar, eu quero falar do jeito que eu vou falar”. Aí eles falaram assim “Ah, você que sabe. Pra mim você vai continuar sendo a mesma coisa”. Já cheguei a falar pras pessoas e as pessoas me julgar sabe? Falar comigo que isso era ruim, falar comigo que não queria conversar comigo mais, falou comigo que eu era macumbeira, falava que isso não prestava, fazia “nome do Pai”, entendeu? Tipo assim, um dia eu tava até na venda da minha amiga com ela, ela foi pegar um cigarro com esse cara – agora a gente conversa de boa, ele voltou a conversar de boa, ele viu que tava errado e pediu desculpa – ele pegou o cigarro, benzeu o cigarro assim, o “nome do Pai” no cigarro assim ainda, sabe? Soprou o cigarro primeiro. Acho que, se ele pudesse jogar o cigarro fora, ele jogava. Entregava pra outra pessoa. Mas... Ah, sei lá, eu não ligo não. Igual eu falei “Gente, ó, se vocês gostarem de mim e quiserem ser meus amigo, vocês vão ser do mesmo jeito. Porque não adianta: até onde vocês saber que eu sou umbandista, vocês me trata de um jeito, a partir do momento que vocês sabem, vocês vão virar a cara pra mim? Por que você descobre um Orixá você não é a mesma pessoa?”. Eu sou a mesma pessoa, não mudei nada, sabe? Questão de amizade com esse povo.

EM: Você fez amizades com pessoas da igreja que você freqüentava?

LR: Fiz.

EM: Como foi a reação deles?

LR: Quando ficou sabendo? Eles não sabem, não. Não, eles não sabem, não. Mais ou menos. Quem sabe é só um vizinho que mora aqui, é como eu falei, eu não escondo. Mas aí ele me desafiou. Ele me convidou pra ir na igreja dele pra falar, essa igreja é a Quadrangular, não, é a Batista de Sião. Falar com ele pra – ali perto de sua casa, pra baixo de sua casa – me convidou pra mim ir lá, pro Pastor Carlinhos desafiar o diabo que eu tenho no corpo. “Vai lá na igreja. Eu desafio, eu vou falar com o pastor Carlinhos pra desafiar o diabo que você tem no corpo”. Eu falei assim, “Meu filho, pode chamar de entidade, de espírito, do que você quiser, menos de diabo. Eu não tenho o diabo no corpo, não. Eu tenho uma entidade, eu tenho as minha moças e os meus exus que me acompanham”. Falei com eles assim, “Ó, se ele quiser, por mais que... eles não vão descer. Pode rezar, orar pra mim o tanto que você quiser, eles não vão descer em mim. Eles tem que me respeitar. Eles sabem que o lugar deles descer é no terreiro. A gente trabalha, faz tudo pra eles descer lá. Eles jamais pode me desrespeitar fora do terreiro. Jamais eles pode fazer isso comigo. Jamais eu posso tá passando numa igreja eles entrar, cair, e descer em mim. Não pode, não tem permissão de descer”. Aí eu falei assim “Ó, eu posso até não ser da igreja, mas se eles não descer eu faço questão de vocês ir lá no terreiro conhecer, pra vocês tirar essas má impressão que vocês tem”. Porque eu falei com ele, “é muito fácil as pessoas julgar sem conhecer”, sabe? Eu falei com ele. Aí... Ficou nisso mesmo, ele não falou mais nada comigo. Ele achou que eu ia abaixar pra ele, pra ele falar “Aí, diabo”, achou que eu ia cair por ele. Eu não abaixei. Ele me desafiou, eu falei com ele que eu não tinha o diabo, que eu tinha umas entidades que me acompanhava, falei o nome deles, que eu tinha. Que eu não sei o nome. Assim, entre aspas, ele eu não sei quem é meu exu, ela eu sei que é a Maria Padilha, sabe? Que me acompanha. É que ela não fala não, mas Seu Sete falou comigo que é a Maria Padilha. Então, eu to esperando ela vim, que ela vai ser muito bem recebida, eu to torcendo pra ela vim, eu quero que ela panha luz pra ela poder me levantar. Eu levantando, ela me levanta, entendeu? Eu quero que ela venha nesse mundo de meu deus pra poder trabalhar, pra poder... Sei lá, vencer, pra poder crescer na vida, sabe? Pô, eu fico com tanta vontade de ela vim, ela não vem. Ela vem mas não fala. Só quer só dançar, não pede um cigarro, não pede uma bebida, não pede nada. Aí eu fico com raiva. Mas é assim.

EM: O que acha de atribuir as religiões afro-brasileiras à imagem do diabo?

LR: Tipo assim, eu vou te falar com você que, até o momento que eu não conheci, pra mim era diabo. Se eu falar pra você que eu também não pensava que era diabo, eu ia ta mentindo pra você. Porque não achava não, eu tinha certeza que era diabo. É... Não sei, é a coisa mais ruim do mundo. Sabe que, até aí, é o que eu to falando, tipo assim, enquanto você não conhece uma coisa, você não pode julgar. Gente, lá no terreiro, não é porque é o terreiro que eu vou, não. Mas é porque lá a gente faz tanta coisa boa. Assim, é uma paz que você sente e, tipo assim, eu ia na católica, não tinha sossego. Eu não tinha sossego quando eu ia na igreja. Na crente eu gostava, mas não era lá meu lugar, sabe? Quando você vai num lugar mas lá não é seu lugar ainda? Você não entende, eu posso ficar a noite toda, o dia inteiro ali que ali vai pra mim. Eu sou deles mesmo, eu sou de Santo. Pra quem não conhece, eu não gosto, tipo assim, eu não julgo as pessoas que não conhecem não. Porque eles usa muito o terreiro pra fazer maldade com os outro também, entendeu? Eles faz muita maldade. Usa o nome do Seu Sete pra fazer maldade pros outros. Então... Tem gente que julga mesmo sem conhecer. Eu acho chato, triste, mas também a gente tem que entender, por causa de uns povo ignorante que não sabe trabalhar, usa nome das entidade de luz pra poder fazer maldade. É isso.

EM: Mesmo o povo brasileiro sendo miscigenado, do jeito que a gente sabe que é, você se considera negra mesmo assim?

LR: Com certeza. Negra.

EM: A Umbanda contribuiu pra essa construção identitária? Ou você sempre pensou assim?

LR: Não, sempre tive firmeza negra. Sempre, sempre, sempre. Sempre negra. Porque antes de ser umbandista, eu sempre fui capoeirista, desde pequena. Então, é aquele negócio, né? Eu também, só se eu não ver né? Eu fico com raiva quando eu passo na rua assim me chamam “Ô morena, ô morena”. Ô gente, eu viro pra eles e falo, “Aonde você ta vendo morena aqui, meu filho? Aonde você ta vendo morena aqui? É negra”. Tô até ensinando pra minha filha “Ô filha, que cor que você é?” ela falava que era amarela, que era verde, não sei mais o quê, branca. Sismou que era branca. Eu falei, “Filha, onde que você ta vendo branca aí? Aonde que você ta vendo branca?” Agora ela sabe. Quando você pergunta que cor que ela é...

EM: O que você sugere como solução para o preconceito?

LR: Eu acho que a escravidão, entre aspas, não acabou até hoje. Tipo assim, o preconceito é muito. Eu e uma menina clarinha, do cabelo bonzinho, vai numa loja com uma menina do olho claro – às vezes eu tenho mais experiência do que ela – ela, por ter a pele clara, ser bem mais aparentada, ela ganha o serviço e eu não. Sempre tem isso, sempre tem. O preconceito é demais, uai. Eles acham que negro é só pra trabalhar escravo: pedreiro, servente. Essas coisas. Eles nunca acham que um negro pode ser capaz de... Sei lá, de ser alguém. Pra você ver, olha a propagando do *Natal sem Fome* agora, você já viu? Sempre é assim, nunca o neguinho ta dando comida pro branquinho, sempre é o branquinho dando pro negro. Sempre é. Sempre que passa a propaganda do *Bolsa Família* assim, quando é de pobre, é sempre os pretinho que tá lá. [risos] Pode olhar, uai. Sempre os pretinho que tá lá no meio lá. Os branquinho é raro aparecer. Só pra dá uma colorida.

EM: Você deseja que sua filha queira participar da sua religião?

LR: Eu quero que ela siga, mas eu não vou forçar. Porque não adianta nada você forçar uma pessoa a ir num lugar que não quer. Porque tem muita gente que vai de coração, que vai porque quer. Ela tem o livre arbítrio dela, então, enquanto ela estiver pequena e quiser ir comigo, eu vou levar. Mas se depois ela crescer e falar assim, “Mãe, eu não quero mais”, eu vou respeitar a decisão dela, entendeu? Não tem nada de mais. Mas eu quero sim, quero que ela conheça os Orixás, quero que ela siga, que ela honre eles, sabe? Pra ela ter recompensa no final da vida.

EM: O que de mais importante você aprendeu durante este tempo que você frequenta o terreiro?

LR: Foi tanto, sabe? Ai! O que mais me marcou foi saber que... Quem não conhece o terreiro devia conhecer, gente. Pra saber como é grande, como é rico essa cultura, sabe? Como é bonito os Orixás. Você conhecer, sei lá, tanta coisa. Os conselhos tão grandioso, tão importante que Seu Sete dá pra gente, sabe? Eu levava uma vida muito louca e ele falava comigo assim, “Pô, moça...”, não falava “pô” não, né? “Moça, essa vida sua aí de fica ficando com um e com outro, ficar deitando com um e com outro, isso não leva ninguém a nada”, entendeu? “Você fica aí arrumando pepino, depois quem vai querer?”. Tinha outra coisa, eu não queria estudar mais. Minha mãe falava comigo assim pra eu estudar, meu pai, todo mundo enchia o saco. Aí eu não queria e não queria mesmo. Aí ele chegou em mim e falou comigo o que é que eu queria da minha vida. “O que você quer de sua vida? Só fica aqui já tá

bem? Tá bom pra você? Ficar só na casa de faxina assim? Você acha que porque você é negra tem que ficar na casa de faxina assim? Faxinando casa pros outros?”. Eu fiquei calada, ele falou assim, “E quando sua pequena crescer? O que você vai querer pra ela? Você não vai ter moral nenhuma de falar nada pra ela. Você acha que você vai ter mãe e pai pro resto da vida?”. Ele falou comigo assim e aquilo me marcou muito, ele falando comigo assim. Ele falou que queria uma coisa melhor pra mim. Eu já sabia que eu era do terreiro, mas depois disso que eu vi que se ele fosse do mal ele ia falar “Não, continua lá. Vai pra aula, não. Faz nada, não. Continua do jeito que você tá, só traz bebida e cigarro pra gente fumar”. Então, eu acho que eu aprendi muita coisa ali, sabe? Não tem nem como te explicar. Muitas coisas boas. E os amigos também que eu fiz ali. Os que ficaram e os que já foram de lá também. Seu Sete fala, já teve muitas pessoas ali, quando era mais escondido, tinha um montão de gente. Quando começou a mostrar a cara, todo mundo foi vazando fora, saindo aos poucos. Porque eles querem quando tá escondido, mas bater no peito mesmo ninguém quer saber de assumir que é umbandista. Tem vergonha. Mas é igual seu Sete falou. Ele não quer quantidade, ele quer qualidade. Quem for do santo tem gostar mesmo, tem que ir até o final, sabe? E eu to nessa aí, vou ficar com eles até o final.

EM: E essa pessoa de hoje, que você se tornou, espera o que do futuro? O que você sonha?

LR: Eu quero ter boa vontade, eu quero conseguir estudar, acabar meus estudos. Isso eu quero. Estudar pra ter um emprego bom, pra poder dá um futuro melhor pra minha filha.

EM: Você tá em que série agora?

LR: To na oitava até hoje. Eu ficava indo na escola só pra brincar. Ia só pra brincar, só pra ficar zoando com o pessoal.

EM: O que é Umbanda pra você?

LR: Pra mim, eu vou falar igual no hino da Umbanda, Umbanda pra mim é paz e amor, sabe? É um mundo cheio de luz. É uma força que nos dá vida. Ah... Só você conhecendo mesmo. É muito bom! É uma coisa muito grandiosa, muito poderosa, sabe? Uma luz muito forte. Eu não me arrependo nem um pouco de ter ido pra lá. Eu quero morrer umbandista e, se eu tiver oportunidade de voltar nesse mundo, eu vou voltar umbandista de novo. Vou voltar se Deus quiser.

EM: Você se vê também como militante do movimento Negro?

LR: Com certeza.

ANEXO 8 – ENTREVISTA 8 - Ionara Oliveira Borges, 41 anos, umbandista desde 1981 em Viçosa/MG e membro da Tenda Oju Ylê há. Dia 05/11/2010. Casa da entrevistada.

EM: Quando você nasceu, sua mãe ainda não era umbandista?

I: Não.

EM: Como que foi esse processo de você ir conhecendo a religião até ter fé?

I: Foi assim. Nós viemos pra Minas Gerais, eu tinha seis anos.

EM: Onde vocês moravam?

I: A gente morava no Rio. Lá ela já mexia, só que lá era Umbanda. Não fazia feitura, fazia trabalho na mata. Como é que chama? Molokô que chamava. A nação dela chamava Molokô. Fazia trabalho na mata. Eles iam na mata, soltava os Caboclo e os Caboclo buscava as ervas. Depois disso ela veio embora pra Minas Gerais. Chegou aqui em Minas Gerais, fez o terreirinho dela e começou a atender as pessoas.

EM: Nessa época vocês já participavam dos rituais?

I: Eu não. Porque eu era muito novinha. Então, a gente ficava na porta do terreiro. Eu sempre fui criada sabendo que minha mãe foi espírita, minha mãe era espírita. Então, eu sou espírita desde pequena. Desde a idade de sete, oito anos que eu sabia. Com nove anos, oito anos que eu tinha, minha mãe fez a primeira feitura dela. Ela foi recolhida, em 1989.

EM: Com que idade você começou a freqüentar o terreiro?

I: Fui nascida e criada aqui, né? A primeira vez que eu peguei pra ajudar acho que eu tinha 12 anos.

EM: Você lembra qual foi a sua sensação quando participou de um ritual umbandista pela primeira vez?

I: Eu só sei que minha mãe bolou lá e eu virei cá. Nove anos, tinha nove anos. Pois é, ela bolou lá e eu virei no Orixá.

EM: O que é bolar?

I: Bolar é quando a pessoa vira no santo e vira de bruços pra poder já recolher já levar pra camarinha. Pra poder fazer obrigação e ficar 21 dias na camarinha. Foi uma sensação muito boa. Você dorme, né? A mesma coisa que você estivesse assim, em transe.

EM: Você pode participar de missa?

I: Posso, porque o Espiritismo não é uma religião, é uma doutrina. É como se fosse uma nação. Não é religião. Porque, antigamente, os negros não podiam entrar na igreja, entendeu? Então, eles criaram uma doutrina, alguma coisas pra eles poder ter fé. Porque eles sofriam muito. Então, eles criaram esse motivo pra eles poder ter alguma coisa pra eles segurarem. Eles não podiam entrar na igreja, entendeu?

EM: Quais são os pontos positivos da religião que você pratica? O que motiva sua fé? O que te mantém praticante?

I: É assim. Eu sempre... Fui criada nisso, né? Na Umbanda. Eu não me vejo em outra religião. Porque se chegar uma pessoa aqui e pede assim “Ô dona, a senhora me benze?” Aí eu paro tudo que eu estiver fazendo pra mim benzer aquela pessoa. Então, eu penso assim, é fé, é dedicação, é religião, é bondade. Porque você tá aqui pra praticar o bem. Se você não quer praticar o bem, é melhor você nem continuar. Igual minha mãe falava, “Ó, se você quiserem praticar o bem, vocês continuam. Mas se não for, é melhor vocês parar”. Então, se não for pra

gente continuar fazendo o bom, o bem, então a gente para. Se chega uma pessoa aqui, “Ô dona, a gente tá precisando de uma doação pro Hospital do Câncer, entendeu?” A gente agora não tá fazendo, mas agente doa roupa, a gente arrecada roupa. Quem não tem roupa pra vestir assim. É porque agora nós estamos mesmo de luto, porque não tem um ano ainda que ela se foi [mãe de Ionara], entendeu? Mas a gente dá roupa, pra pessoas assim mais pobre, entendeu? Festa de Cosme e Damião a gente doa doce, entendeu? Tem sorteio, festa de Dia das Crianças tem sorteio das coisa. E assim, eu não vou. Mas minha mãe ia muito assim, em hospital, minha mãe ia muito em cemitério. Eu não vou porque eu trabalho, não tenho tempo pra ir. Mas eu levo minha vida normal. Eu tenho meu emprego, eu trabalho, só que eu não deixo de praticar a minha religião. Não é que a minha religião é só o Espiritismo, não é assim. É uma nação, entendeu? Mas a minha religião mesmo é a católica. Porque eu fui batizada na Igreja, Se eu for casar, minha filha vai casar, ela tem que casar na Igreja, entendeu? Essa é uma nação que eu me apeguei. Por que eu me apeguei? Porque, na hora que eu preciso, é ali que eu vou rezar, vou pedir a eles, entendeu? Assim, eu to com uma dor de cabeça, eu preciso tomar um banho, aí eu sento na frente do conga, me dá uma guia. Eu sinto como se eu tivesse uma visão. O que é a visão? A visão eu tenho no sonho. A gente que é médium, que mexe com terreiro, a gente não pode ser acordado assim, de uma vez só, “Acorda!”, não. Você tem que vim e me acordar devagar, porque o meu anjo de guarda sai do meu corpo, ele sai do meu corpo pra vigiar. Então, é no meu sonho que eu sei o que eu vou fazer no amanhã. Eu sei quem são meus inimigos, que são meus amigos, o que é que eu tenho que fazer, as ervas que eu tenho que tomar banho. É ali que fala “você é médium vidente”. Por que médium vidente? Porque no seu sonho que você sonha sua visão.

EM: E o seu pai? Qual a sua relação com ele?

I: Não tenho pai. Minha mãe é mãe solteira. Porque meu pai não aceitava, ele tá aqui na foto, ele não aceitava o espiritismo, então minha mãe largou ele pra poder viver a vida dela e poder seguir o caminho dela.

EM: E os seus filhos, participam também?

I: Participam, mas só que eu faço assim, igual a minha mãe fazia, eu não obrigo. Se quiser seguir, segue. Mas se não quiser, não é obrigado. Eu não obrigo, igual minha mãe, não obrigo. Quando eu falei assim “Ô mãe, eu quero participar, eu quero participar do terreiro, eu quero ser batizada”. E ela não podia me batizar. Porque a pessoa igual, do sangue, não pode cuidar de você, não pode pôr a mão na minha cabeça. Ela podia rezar por mim, rezar por nós, mas pôr a mão na cabeça, não pode. Então, minha madrinha, mãe pequena do terreiro, que cuidou de mim. Se eu precisar, é ela que me cuida. Minha mãe não podia fazer oração em mim, me recolher, me raspar. Pra fazer isso tem que ser outro pai-de-santo ou outra pessoa que não seja do meu sangue.

EM: Relação de parentesco alguma?

I: Não pode. Eu não posso recolher meu marido, raspar meu marido, jogar um banho de ervas nele, eu não posso cuidar dele. Eu posso rezar por ele, cuidar dele, entendeu? Levar no médico. Isso eu posso. Mas quem tem o mesmo sangue e tem o mesmo parentesco não pode recolher um filho e raspar um filho. Depois dá problema pra pessoa a pessoa fica doida.

EM: O que tem dentro daquele cômodo?

I: Ele abriga os Barás, os Exus. Muita gente fala “Ah, vocês acendem uma vela pra Deus outra pro Diabo”. Não. Não é uma vela pra Deus, outra pro Diabo. É o seguinte. Nós, a nossa Nação vem da África, entendeu? Nós somos descendentes de africanos. Por mais que os preto vá pra Igreja Evangélica, vem da África, são descendentes de africanos. Querendo ou não. Então, que é que acontece, a gente cuida da parte negativa da gente. O que é a parte negativa? O Bara. O que é o Bara? Ele não ficou 45 dias perturbando Jesus? Não é? Então, o que é que nós faz, nós cuidamos deles, assentamos eles e fazemos eles fazer o bem. Porque falam assim “Ah, porque Exu é ruim”, não é que Exu é ruim. Exu não é ruim. Exu é igual menino. Se tem uma pessoa concentrada, a pessoa chegou aqui “Ô Exu, eu te dou uma vela preta pra você quebrar a perna de fulano”, ele vai quebrar. Nós que somos ruins, não ele. Porque ele tá ali, tá assentado ali, a pessoa que vem e pede o mal, não é ele que faz o mal, a pessoa que pede. Ele tá ali, o que é que a gente faz, a gente assenta ele, porque todos nós temos o lado negativo.

EM: Os médiuns que têm esse papel?

I: Isso. Todos nós. Você tem o lado negativo, eu tenho o lado negativo. O que é que nós faz, nós jogo o búzio, “o seu Orixá é Ogum, o seu Bara é tal, fulano, Seu Sete Capa. Vamos assentar ele”. A gente faz o assentamento, assenta ele, cortamos pra ele, cuidamos dele. Aqui, nós não colocamos nada na encruzilhada. É tudo enterrado.

EM: Qual a origem desse costume?

LR: É assim. Como nós já somos uma nação evoluída, não precisa mais levar pra despachar. Já pode enterrar. Então, tem terra aí pra isso. A gente enterra, a gente não põe nada na encruzilhada. Nós não colocamos galinha na encruzilhada, a gente não corta pra encruzilhada. A gente não põe nada na encruzilhada. Tudo que a gente vai pôr é ali e saiu dali, vai ser enterrado. Não precisa você colocar nada na encruzilhada. Pôr galinha morta na encruzilhada, pôr pano roxo na encruzilhada. Isso não existe. As pessoas que põe essas coisas na encruzilhada é pessoa que não tem evolução, não sabe mais ou menos o que é ser espírita. Isso queima o espiritismo. Porque é evolução. Você tem que ter um pai-de-santo. Hoje o Bara pede pra botar umas rosas na encruzilhada, um pouco de pinga. É assim. Mas, se caso quiser um corte... Minha mãe explicava assim, “Tá escrito lá na Bíblia³, Jesus não pediu para que um apóstolo dele, Isaac, crucificasse o filho dele? Pra mostrar pra ele a fé dele?” Porque o Papa não mexe com espiritismo? Papa nenhum mexe com espiritismo. Porque eles sabem a origem, sabe que não tá errado. Ele pediu para que crucificassem o filho dele, o mais velho, tá escrito na Bíblia, na hora que ele foi pra poder crucificar o filho dele, pra mostra pra Deus que a fé dele era tanta, deus falou assim “Não, meu filho, pode crucificar uma ovelha, me dá uma ovelha como se fosse”. Ninguém comenta isso. Então, nós somos assim. Nós matamos para o nosso bem. Se o Orixá precisar de cortar, o Orixá pede, “Ah, eu quero isso e isso e isso”, a gente corta, serves pra eles ali, dentro da casinha do Orixá, entendeu? A gente mata bicho, não matamos pessoas. Porque a minha sogra é, ela mexe com magia negra, minha ex-sogra. Aí um dia que eu tava lá, sentada com Bibi no colo. Aí ela virou pra mim e falou assim. “Ah, porque sua mãe mata bicho, que não sei o quê”. Eu falei “Ela mata bicho, mas não mata gente”, entendeu? A minha mãe uma vez tava passando um aperto danado, tava cheia de conta, foi numa quinta-feira da Paixão. Uma senhora chegou aqui com quinhentos real na

³ Gênesis 22. Antigo Testamento.

mão. Quinhentos real, notinha em cima de notinha e ela tava fazendo jejum e realmente não tinha nada aqui na casa dela – eu não morava aqui não, morava na minha casa, lá embaixo. Aí ela chegou pra minha mãe e falou assim “Ô Dona Vilma, eu quero que a senhora mata uma pessoa pra mim. Que a senhora dá um jeito no meu marido pra mim”. Ela olhou pra mulher e falou assim “Minha filha, não to aqui pra entregar minha alma pro diabo não. Eu to aqui pra cuidar dele, pra fazer o bem. Mas entregar minha alma pro diabo, eu não entrego, não” Ela pôs o dinheiro dentro da bolsa e foi embora. Por quê? Se uma pessoa... Vou explicar uma coisa, só pra você assim. Você chega num terreiro – eu sou espírita e tento entender um pouco do que minha mãe passou pra mim – você chega num terreiro e pede pra pessoa, pro Bara, pro guia, quer dizer, o guia cruzado, que é o guia a partir do Malandro, que já é cruzada, é a parte que já vem cruzada, pra Fulano fazer assim “Eu quero que você mata Sicrano” [pausa de 4 segundos] Você faz pra mim isso que eu vou fazer aquilo. Ele faz. Mas, mais tarde você vai pagar. Não é você vai pagar, você vai ali e quebra uma perna, não. Ele vai te machucar na parte que mais dói. O que é que é? Um filho, um neto, um bisneto, entendeu? Vai doer onde você vai sofrer mais. Não é nem dor física, é o que mais vai sofrer. Então, mãe falava “Gente, vocês não faz ruindade pros outros, que quem vai pagar vai ser seus descendentes, não vocês”

EM: Uma espécie de maldição?

I: Isso. Não adianta você fazer, achando que não vai pagar. Você vai pagar. Mas vai pagar onde é que dói mais. Então, mãe falava comigo “Ó, se for pra vocês continuar, se um dia eu vier a morrer, vocês continua fazendo o bem. Mas, se for pra fazer o mal, fecha o terreiro e deixa cair. Dar capim e cair”, entendeu? O medo dela era esse. De continuar e que a gente fizesse ruindade. Os médiuns que faziam, que faziam ruindade, ela expulsou do terreiro, não tá aqui. Estão aqui no terreiro os que fazem o bem. Ela falou “Eu quero ter quatro, cinco médium. Mas eu quero ter os médium que eu sei que não vai fazer ruindade mais tarde”, entendeu?

EM: E a respeito dos problemas com relação ao preconceito? Como que você se relaciona com pessoas de outras religiões?

I: Tem vezes que a gente passa perto de uma igreja evangélica aqui e ali, a pessoa sabe que a gente é espírita – porque aqui em Nova Viçosa todo mundo conhece quase todo mundo, né? Então, teve uma vez, nós estávamos vindo da primeira comunhão do meu filho caçula e a gente passou perto duma igreja crente ali e assim que eles viram que a gente parou, que a gente foi comer um cachorro quente só com molho – era sexta-feira e a gente não come carne dia de sexta-feira, porque sexta-feira pra nós é dia de Oxalá – e assim que a mulher viu a gente, ela tava pregando na igreja, assim que ela viu a gente ela começou “É que esses macumbeiros, dê dê dê”. Aí eu olhei assim, né? Porque eu sou meio... Eu sou meio encrenqueira, sabe? Aí minha mãe virou e falou assim “Deixa, Nara. Deixa ela. Olha só a cor dela. Negra”. Quer dizer, negra é descendente de africano. Então, minha mãe virou e falou assim, “Deixa ela. Olha da onde que ela vem”. E começou, “Ah, que esse negócio de mexer com macumba, que não sei o quê”, e começou a falar alto, tava falando no microfone, né? Nós sentamos... Assim, a casa onde ela tava pregando, a igreja, era em frente ao cachorro quente, é na frente. E nós sentamos no banco e fomos comer cachorro quente e tomar refrigerante. Como era sexta-feira e a gente não come carne, né? Aí ela falou assim “Os meus netos podem comer carne, mas nós não comemos. O meu eu só quero com molho” Então nós comemos o cachorro quente e fomo embora. Não deu confiança. Tem muito preconceito, entendeu?

EM: Você vê preconceito ainda hoje?

I: Tem. Hoje, aqui em Viçosa, tem uns dois anos atrás. Eu fui trabalhar num lugar, trabalhar lá na rua em frente ao Mil Peças, ali tinha uma senhora que lava roupa ali, embaixo do hotel. Fui trabalhar com ela, tinha uns oito meses que eu tava lá. A minha mãe passou mal, passou mal e minha madrinha foi lá. Aí minha madrinha sem querer “Em nome de Oxum, sua mãe vai sarar”, pôs a mão no chão e... Aí ela descobriu que eu era espírita. Aí me mandou embora na hora. Que ela é “papa hóstia”, entendeu? Ela mexia com negócio de Igreja, essas coisas, entendeu? Aí, a menina que trabalhou lá falou comigo que ela mandou embora porque ligou uma mulher pra lá, falando que minha mãe era espírita que eu ia acabar com o comércio dela, que minha mãe eia fechar o lugar. Por que minha mãe ia fazer isso? Fechar o lugar que era o meu trabalho? Mesmo que não fosse, se caso eu viesse a ser mandada embora. Eu jamais faria isso. Não é só porque eu mexo com espiritismo que eu vou, “Ah, Fulano me mandou embora, mãe. Vou pôr o nome dele na boca do sapo e vou amarrar”. Não. A gente tem que cair e tem

que levantar. A gente é como um ser humano qualquer, né? Não é por isso que... A gente tem que cair e levantar. E tornar a cair de novo e tornar a levantar, entendeu? Nem tudo que a gente quebra a cara que a gente vai pegar as pessoas e judiar. E uma, que esse tipo de trabalho minha mãe nunca consentiu. “Gente, eu não ensino vocês a fazerem mal, ensino vocês a fazerem o bem”. O espiritismo aqui é o quê? A pessoa vai se defender. Você se defende. Você vai cuidar do seu Orixá pro seu Orixá ter aquilo do bom e do melhor pra te dar. Não preocupar com o que Fulano tá fazendo, com o que fulano vai fazer pra mim. Não. Você tem que preocupar com você. O seu Orixá, o guia aqui, vai cuidar de você, seu guia vai cuidar de você. De você! Você vai cuidar do seu guia pra você... Não que você vai ficar rica, pra você se cuidar e se proteger.

EM: O que você diria pra essas pessoas preconceituosas?

I: Pra cada um ficar no seu “quadrado”. Assim, eles ficam na deles, no que eles acha que crê, e eu creio no que eu acho que é melhor pra mim, entendeu?

EM: Você já quis não ser negra?

I: Não. A única coisa que eu queria é ter um cabelo melhor. Pra não ficar passando coisa. Mas o resto... Eu voltaria e faria tudo do mesmo jeito que eu fiz. Igual eu falei com minha irmã, outro dia eu tava olhando a foto da minha mãe e falei assim, “É, eu gostria de na outra encarnação voltar e ser filha da Vilma” [começou a chorar] Desculpa! Você não sabe o quanto minha mãe foi uma pessoa maravilhosa pra mim. Daria tudo que eu tenho, tudo que ela deixou pra mim pra ter ela de volta. Quem dera! Se pudesse...

EM: Mas ela deve estar bem.

I: Teve um dia que ela falou comigo assim, “Eu quero ir de uma vez só”. Parece que foi do jeito que ela pediu. Ela passou mal na segunda, na terça-feira ela faleceu. Eu já sonhei com ela, eu já vi ela. Ela tá tão bonita. Só que você não poder ver a pessoa mais, assim, sabe? Muito triste... O ensinamento que ela deixou foi uma coisa muito bonita. Por mais que eu aprendi, eu achei que eu devia ter aprendido mais. [buscou lenço de papel, conteve as

lágrimas e continuou] Igual eu tava falando com você, essas pessoas que ignora, eu vou só te falar uma coisa, essas pessoas que são crente hoje, já foram espíritas. Não conseguiram o que queria. Muita gente vai pro Espiritismo são recolhido, são feito no santo... Como é que eles sabe tudo que faz lá dentro? Porque já foram um dia e não conseguiram o que queria. São pessoas frustradas, entendeu? Porque eles queriam uma coisa e não conseguiram. Então, muita gente acha que o Espiritismo, por a pessoa receber um guia que já morreu, eles acham que tem que ser rico, tem que saber o número da loteria, que o guia tem que saber o que eles estão pensando. Minha mãe já afrontou muito com essas pessoas, sabe? Crente. Já afrontou muito. Muitas vezes ela já colocou eles no chinelo. Eu não ligo sofrer preconceito, eu não esquento a cabeça não. Eu tava trabalhando no *Sabor & Cia* e a menina perguntou pra mim, “Ô Nara, onde que é o terreiro de sua mãe?”, eu falei com ela assim “O terreiro da minha mãe é lá no Nova Viçosa, se quiser eu te dou o endereço”. Uma outra menina que trabalhava lá ouviu isso, ouviu eu falando com ela e falou “Sangue de Jesus tem poder! Nossa! Misericórdia!”. Eu falei “Você não é crente? Eu sou espírita. Cada um, cada um”. Depois daquilo, tudo que acontecia de ruim era eu que tava fazendo. Se quebrava um negócio, era eu. Aquilo começou a me enfezar, sabe? Aí uma das chefes da cozinha virou e falou assim, “Ah, eu tenho que pedir pro Caboclo rezar pra mim, rezar minha cabeça”. A outra virou e falou, alto, eu ouvi ela falando, “Que é isso Vera? Seja uma coisa clara, isso aí não leva ninguém a nada, não. Você? Com isso? Misericórdia!” e que é que tem? Ela tava fazendo isso comigo e começou a me prejudicar dentro do serviço. E com a Bíblia debaixo do braço. A Bíblia debaixo do braço e me fazendo mal. Só porque eu sou espírita? Fazendo isso comigo porque eu sou espírita? Aí eu virei pra Vera e falei assim, “Engraçado. Ela é pior do que eu. Porque ela enfia a Bíblia embaixo do braço e mete a língua em você, que você é chefe da cozinha, quando você chega ela te trata como se fosse sua amiga. Ela não é sua amiga”. Falei com ela, “Amiga, minha filha, só a mãe. Não confio em ninguém aqui dentro, não”. Era no *Sabor & Cia* que eu trabalhava, entendeu? Aí, pondo a Bíblia embaixo do braço... Aí eu falei assim, “Tudo bem, eu vou sair daqui, porque você está fazendo eu sair daqui. Sou espírita, mas não vou acender uma vela pra te prejudicar. Mas, se Deus for justo, porque Deus pra mim ele é um só, e seja Oxalá, Alá... Entendeu? Que seja o Deus... Ele só muda de nome mas ele é um só. Se ele existe e tá acordado, você vai pagar”. Só isso que eu falei com ela, mais nada. Não deu outra. Descobriram o que ela tava fazendo, disse que ela tava meio que roubando as coisas, roubando mercadoria, roubando um monte de coisa, entendeu? Hoje, eu saí de lá, mas lá também ela não tá. É o seu sentimento, é o que você sente aqui dentro, entendeu? As vezes

a pessoa fala, “Ah, que Fulano fez isso pra mim”, não fez! Não fez. Deus não tá dormindo! Tá acordado, entendeu? Agora, por quê? O seu sangue, é a mesma cor do meu. O branco, a mesma cor. O negro, a mesma coisa. O sarará, o russo, o alemão. Tudo a mesma cor o sangue da pessoa, entendeu? Tem nada a ver não.

EM: Qual o nome dos seus filhos?

I: É Núbia Cristina Borges e Vitor Oliveira.

ANEXO 9 – MODELO DE AUTORIZAÇÃO UTILIZADO



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

Eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____
profissão _____, cpf _____, rg. _____, residente à
_____ cidade/uf _____, cep. _____,
tel.(____) _____, doravante apenas “autorizador(a)”, venho, através da presente, **autorizar**,
expressamente, a UFV – **Universidade Federal de Viçosa** a reproduzir, publicar, veicular, citar e
exibir meu nome, minhas declarações e/ou minha imagem no projeto
experimental _____ **quantas vezes se fizerem necessários**
e em todo território nacional e, eventualmente, no exterior, em meio impresso e eletrônico (internet),
em local, edição, tamanho a serem definidos a exclusivo critério da autorizada.

A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo
ou ônus, a qualquer tempo e título.

Viçosa ____/____/____.

Assinatura

ANEXO 10 – GLOSSÁRIO

Babalorixá: sacerdote e chefe de um terreiro. Pai-de-santo.

Bolar no Santo: desmaiar após incorporação de entidade.

Caboclo: espírito de ancestral indígena.

Camarinha: recinto utilizado para o isolamento do umbandista em período de feitura.

Cinco Salomão: também conhecido como pentagrama, o cinco salomão é uma estrela de cinco pontas, onde cada ponta representa um elemento: Terra, Água, Fogo, Ar e Espírito (conhecido como o 5º elemento). Ele representa a operação do espírito sobre os cinco elementos.

Congá: altar.

Defumar: purificar, limpar um recinto com fumaça proveniente de ervas.

Entidade: espírito.

Erê: espírito de criança.

Exu: orixá mensageiro, ponto de contato entre os demais orixás e os seres humanos.

Exus ou Baras: entidades com características próximas às do Exu.

Feitura: ritual de iniciação que têm como fundamento prático, o Desenvolvimento Mediúnico, Religioso, Doutrinário e Ritualístico.

Gira: ritual umbandista. Sessão.

Guia: entidade sábia, orientadora.

Iaô: médium umbandista, filho-de-santo.

Iemanjá: dona da fertilidade, dona das águas salgadas.

Iorubá: uma das línguas africanas.

Molokô: variante da Umbanda com influência das nações de: Angola, Congo, Ketu, Gêge, Ameríndia e influência também do Catolicismo.

Orixá: é um ancestral divinizado. Deuses superiores, cada qual cuida da sua área.

Oxalá: ocupa uma posição única e incontestada do mais importante e elevado dos orixás.

Oxum: dona do ouro, dona do amor, das águas doces.

Pomba-gira: versão feminina do exu.

Pontos: cantos para os Orixás. Na linha de Angola, geralmente cantado em Iorubá.

Pretos velhos: espíritos de escravos anciãos.

Trabalho: ajuda espiritual.

Virar: incorporar.